



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ALADDIM ALFREDO PEREIRA

**“AQUI ERA MESMO QUE UM CÉU”: TEMPO DE ORDEM, TRABALHO E
FESTA NAS MEMÓRIAS DE VELHOS DO POVOADO ENGENHO CENTRAL,
USINA SÃO JOÃO – PB.**

JOÃO PESSOA

2017

ALADDIM ALFREDO PEREIRA

**“AQUI ERA MESMO QUE UM CÉU”: TEMPO DE ORDEM, TRABALHO E
FESTA NAS MEMÓRIAS DE VELHOS DO POVOADO ENGENHO CENTRAL,
USINA SÃO JOÃO – PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Ciências Sociais
(Licenciatura) da Universidade Federal da Paraíba
para obtenção do grau de Licenciado no Curso de
Ciências Sociais.

Orientadora: Professora Dr.^a Márcia Reis Longhi

JOÃO PESSOA

2017

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal da Paraíba.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Pereira, Aladdim Alfredo .

"Aqui era mesmo que um céu": tempo de ordem, trabalho e festa nas memórias de velhos do povoado engenho central, usina São João - PB/
Aladdim Alfredo Pereira. - João Pessoa, 2017.

68 f.

Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal
da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientadora: Prof.^a Dra. Márcia Reis Longhi.

Autor: Aladdim Alfredo Pereira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Ciências Sociais
(Licenciatura) da Universidade Federal da Paraíba
para obtenção do grau de Licenciado no Curso de
Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Márcia Reis Longhi – UFPB
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Mônica Franch – UFPB
Titular interna

Prof. Dr. Gustavo Costa Lima – UFPB
Titular interno

CONCEITO FINAL: _____

João Pessoa, 01 de junho de 2017.

Em memória de Maria Laura Pereira, minha avó materna e maternal, mulher da roça, filha de um dono de Boi de Reis, que várias vezes atravessou o rio com minha mãe e meus tios nos ombros para levá-los para ver a lapinha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Lei Maior, à Força Criadora, ao Deus que habita em mim e que me sustentou ao longo dessa jornada de sete anos na universidade, me fazendo resistir sem perder o foco, me fazendo crer que eu era (e sou) capaz de superar as dificuldades próprias de um estudante da classe trabalhadora. Obrigado por me fazer chegar até aqui!

Agradeço a minha mãe, Maria Nazaré Pereira, por tudo que me proporcionou até hoje sendo mãe e pai ao mesmo tempo, por ter investido em minha educação institucional, e, principalmente, por ter-me encorajado a seguir em frente nas várias vezes em que pensei desistir do curso. Fiz isso, também, por você, mainha.

Agradeço à pessoa de Hermano José Tavares Lins, meu grande amigo e eterno companheiro, mesmo depois das reviravoltas da vida. Jamais admitiu que eu falasse em desistência, forçando em mim a perseverança, torcendo pelo meu futuro.

Agradeço imensamente à professora Márcia Reis Longhi pela forma brilhante como me conduziu ao longo desse processo, ajustando as velas conforme os ventos iam nos direcionando, com equilíbrio, simplicidade, coerência e rigor admiráveis. Obrigado do fundo de minh'alma!

À professora Mónica Franch por ter-me encaminhado à professora Márcia Longhi e pelas fascinantes aulas de antropologia.

Agradeço aos meus amigos Joaz Júnior e Luiz Carlos Dias por reconhecerem meus esforços e confessarem seu orgulho de mim; a meu amigo/irmão potiguar Osvaldo Costa pelas mensagens quase diárias de incentivo; a Alex Sousa pela conversão do “Resumo” em “Abstract”; a meus amigos de banda pela compreensão das minhas ausências; a Sandra Alves pela contribuição no início do processo deste TCC; a Robson Feoli, por ter ouvido algumas dessas memórias comigo para elaborar os gráficos e pelo respeito ao meu período de reclusão.

Agradeço aos professores e professoras do Departamento de Ciências Sociais da UFPB pelos quais passei como aluno, por terem me inspirado a mergulhar no conhecimento que eu almejava desde o primeiro dia, o conhecimento sociológico. Em especial aos que se colocaram à disposição quando de minhas primeiras sondagens, quando eu sequer tinha um objeto de pesquisa acabado: Aécio Amaral, Rogério Medeiros, Adriano de León, Geovânia Toscano e José Henrique Artigas.

Por fim, agradeço aos meus amigos de curso Pedro Couto e Marcos Leandro pelo companheirismo, bem como a todas as pessoas que acreditaram no meu potencial.

“A saudade é um sentimento pessoal de quem se percebe perdendo pedaços queridos de seu ser, dos territórios que construiu para si. A saudade também pode ser um sentimento coletivo, pode afetar toda uma comunidade que perdeu suas referências espaciais ou temporais, toda uma classe social que perdeu historicamente a sua posição, que viu os símbolos de seu poder esculpidos no espaço serem tragados pelas forças tectônicas da história”.

(Durval Muniz de Albuquerque Júnior)

RESUMO

O presente trabalho é uma etnografia que objetiva retratar o modo de vida de uma geração de dez idosos e, através de suas memórias, descrever os caracteres socioculturais de sua comunidade rural, o Povoado Engenho Central, localizado junto às instalações da Usina São João, no município de Santa Rita, estado da Paraíba. São descritos, portanto, os caracteres culturais de uma população e de um tempo. Os idosos têm idade acima dos 70 anos e suas lembranças são relativas a meados do século XX, período de ascensão econômica da Usina São João. As escutas na forma de *entrevista semi-aberta* e o apelo ao recurso da *memória* privilegiam o método de *história oral* empreendido por nós nesse trabalho. Dada a enorme quantidade de variantes culturais reveladas nas entrevistas, tratamos de dimensionar esses aspectos através de gráficos simples capazes de nos proporcionar uma visão panorâmica da realidade estudada. Estes dados dizem respeito a uma recorrente ideia de *tempo antigo* como *tempo bom*, do que resulta em supervalorização dos valores do passado em contraposição ao presente, necessidade precoce de trabalho, consciência do trabalho como sinônimo de bonança, reconhecimento e obediência às regras de conduta emanadas dos patrões usineiros, promoção de festas típicas do catolicismo popular pelos usineiros, concessões destes para a realização de bailes efervescentes pelos moradores festeiros em suas casas, bem como uma peculiar distinção entre *feira* e *baile*. Dessa forma, empreendemos um trabalho de síntese por associação entre os temas afins, de forma a condensá-los em três categorias principais, objetivando não apenas a uma melhor classificação e organização do material, mas, principalmente, valorizar essas *vozes*, abarcando a diversidade de representações nelas contidas. Como resultado, sobressaíram-se as categorias *tempo*, *trabalho* e *feira* e, relacionadas a estas, respectivamente, o conjunto das subcategorias *passado/presente*, *regras/dominação* e *sagrado/profano*. Entretanto, estas dimensões não devem ser apreciadas separadamente, de vez que estão inter-relacionadas e são onipresentes no cotidiano desta população. Apresentamos o processo de definição do objeto, o qual ganhou novos contornos durante as entrevistas; nosso processo de inserção no *campo*; contextualizou-se tanto o povoado quanto a usina através de estudos regionais nas áreas de História, Geografia e estatísticas de órgãos federais, não tendo sido encontrados vestígios propriamente etnográficos dos fenômenos da *memória* e das gerações relacionados a essa população; já o aspecto lúdico presente nesse contexto foi por nós analisado através da *teoria da feira* e suas múltiplas abordagens, o que nos permitiu tecer breves considerações (finais) a partir do terceiro e último capítulo.

Palavras-chave: memórias de velhos, história oral, Usina São João, festas.

ABSTRACT

The purpose of this ethnographic paper is to portray the way of life of a generation of ten elderly people and describe the sociocultural factors of the rural community where they live, the village Engenho Central, nearby the sugar cane mill Usina São João, in the city of Santa Rita, State of Paraíba. Therefore, it describes the cultural factors of a population and a time in the past. All of them are above the age of 70 and their remembrances relate to the mid-20th century, Usina São João's period of economic rise. The testimonies collected in the form of semi-structured interviews and the appeal to *memory* privilege the method of *oral history* undertaken in this paper. Given the large amount of cultural variation learnt in the interviews, to measure these aspects, we elaborated simple charts that provide us with a panoramic view of the studied reality. These data concern the recurrent idea of equating *old times* as *good times*, what results in overestimation of values of the past rather than the present; early desire for work; perception of work as fulfillment of happiness; adherence to social norms originating from their employers; typical popular Catholicism celebrations hosted by the sugar cane mill owners; their consent for the most excited locals to host effervescent dancing parties at their houses, as well as a peculiar distinction between *party* and *dancing party*. Therefore, we undertook a synthesis work connecting related themes, thus condensing them in three main categories, having the purpose of not only to create a better classification system and structure, but mainly to appreciate those *voices*, comprehending the diversity of representations they comprise. As a result, the prominent categories were *time*, *work* and *party*; and, related to these, respectively, the subcategories *past/present*, *rules/domination* and *holy/profane*. Nevertheless, those dimensions should not be individually appreciated, as they are interrelated and omnipresent in this population's everyday life. We demonstrate the process of definition of the object, which evolved throughout the interviews; our insertion in the *field*; contextualization of both the village and the sugar cane mill by means of regional studies of the fields of History, Geography and official data from the Brazilian federal government, as no proper ethnographic vestiges of the generations and memories related to this population could be found. However, the ludic aspect of the context was analyzed by means of the *party theory* and its multiple approaches, what allowed us to make some brief (final) observations as of the third and last chapters.

Keywords: elderly people memories; oral history; Usina São João; parties.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Usina São João	34
Figura 2 – Centro do Povoado Engenho Central	35
Figura 3 – Vila Operária	35
Figura 4 – Posto de Saúde	36
Figura 5 – Escola do povoado	36
Figura 6 – Vila de casas na Rua da Igreja	37
Figura 7 – Ruínas da Estação do Engenho Central	38
Figura 8 – Estrada de barro no canavial	39
Figura 9 – Casa-grande da Usina São João	39
Figura 10 – Esplanada da Usina	40
Figura 11 – Capela de São João Batista	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. PERCURSO METODOLÓGICO.....	14
1.1. Procurando a agulha no palheiro da cana: um trajeto acidentado na construção de um objeto de pesquisa.....	14
1.2. Trabalho duro no <i>campo</i> : breves considerações sobre um processo de (re)inserção	17
1.3. Velhos amigos do Brasil: apresentando dez idosos do Povoado Engenho Central (Usina São João).....	20
1.4. História Oral e memória como recursos metodológicos fundamentais: um pouco de teoria	24
1.5. Breves considerações sobre a velhice.....	27
2. A USINA SÃO JOÃO E O POVOADO ENGENHO CENTRAL	29
2.1. Caminho do engenho à usina: o progresso da economia canavieira e a conformação de um novo espaço social na zona rural de Santa Rita	29
2.2. O Povoado Engenho Central: o centro de uma grande cidade imaginária	34
3. “AQUI ERA MESMO QUE UM CÉU”: TEMPO DE ORDEM, TRABALHO E FESTA NAS MEMÓRIAS DE VELHOS DO POVOADO ENGENHO CENTRAL	42
3.1. Da dimensão do tempo	43
3.2. Da dimensão do trabalho	49
3.3. Da dimensão das festas	56
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
5. REFERÊNCIAS	66

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de um esforço de pesquisa etnográfica no sentido de levantar um olhar antropológico sobre *um* Brasil rural cuja existência se deu na primeira metade do século XX. Nossa abordagem é tanto geracional quanto contextual, pois, busca retratar, através de memórias partilhadas de pessoas idosas, a vida em uma comunidade agrícola na zona rural da cidade paraibana de Santa Rita, o Povoado Engenho Central, situado nas terras da Usina São João. Logo, trata-se do resgate de *um* Brasil particular, cujas especificidades foram moldadas pelo contexto da cultura açucareira nesta cidade.

Dando a conhecer um determinado estilo de vida encerrado em um contexto de relações comuns e de poder e suas peculiaridades, tentaremos empreender uma busca pela compreensão de um modo de ser e de viver marcado pela condição de subalternidade partilhada entre dez idosos com idade acima de 70 anos. Dessa forma, interessa-nos fazer esse percurso através da historicidade dos *de baixo*¹, ou seja, nosso elo com o passado se dará através de um ponto de vista da *história não-oficial*, logo, através das representações construídas pelos *sujeitos* acerca de seu universo particular de referências.

Mesmo tendo experienciado a dura realidade de uma vida devotada ao trabalho, um passado de glórias, mesmo quando estas são as glórias do *vencedor*, é unanimemente reiterado por esses idosos em contraposição a um presente marcado por carências materiais em decorrência de um suposto declínio da Usina São João, bem como pelo perecimento de valores morais próprios de sua geração: “Meu amigo, isso aqui foi uma felicidade, era mesmo que um céu; a gente aqui passava muito bem” (relembra seu Orlando, 81 anos); “[...] num atrasava nada, era tudo certo, e hoje tá com esse atraso todinho, né... Ela hoje tá fracassada mesmo; a usina tá acabada” (lamenta seu Braz, 89 anos); “Aqui era muita usina. Todo mundo só corria aqui pra Usina São João [...] Agora fracassou tudo” (afirma dona Valentina, 90 anos); “Sinto saudade das amizade da Usina São João e os festejo dali. Era muito bom! Era uma brincadeira sadia mesmo. Nós ia pra *brincadeira* e só saía no fim, de manhã, sem aborrecimento nenhum [...]” (revive seu Felício, 74 anos)².

Sendo a Usina São João, portanto, um símbolo nostálgico de um tempo de prosperidade, de fartura e de festa, mas também de decadência e de pobreza no presente, insta-nos ouvir suas histórias sobre como as promessas do progresso não se fizeram cumprir no presente, e

¹ Na acepção proposta por Picoli “O recurso da oralidade, na sociedade capitalista, além de possibilitar voz – ou melhor, ouvidos – aos idosos (marginalizados devido suas condições físicas: um corpo marcado pelo trabalho e não mais tão produtivo quanto outrora), permite que *outras histórias*, diferentes, e não raro divergentes da oficial, conquistem respaldo”. (2010, p. 174)

² Entrevistas realizadas nos meses de outubro e dezembro de 2016.

mais, fizeram retroceder todo um conjunto de valores e de práticas exaustivamente reiteradas como benéficas a sua geração; na condição de escutadores, deixar que verbalizem sobre como se foi tão feliz mesmo sob os mandos de coronéis/usineiros e o que pensam sobre isso depois de velhos e, apreender o sentido antropológico de sua vida extremamente festiva em meio à austeridade dos patrões e ao excesso de trabalho. Em última síntese: *apresentar e compreender os aspectos socioculturais próprios de uma comunidade rural e de uma geração de idosos a partir de suas narrativas, procurando entender pela ótica cultural de que forma se viam inseridos num contexto de relação de poder localizado, de onde, no entanto, se extraem as mais felizes lembranças entre festa e trabalho.*

A escolha pelo tema surge de minhas próprias memórias. Minha familiaridade com o contexto Usina São João vem sendo construída desde a infância, quando por anos minha família residiu na porção urbana próxima a uma de suas vias de acesso. Algumas vezes transpus essa “fronteira” e adentrei suas terras na companhia de parentes para pegar mangas; cresci sentindo o malcheiroso odor da vinhaça, assistindo ao espetáculo das queimadas, ocasionalmente indo ao canavial “roubar” cana-de-açúcar para um lanche da tarde, vendo o vai-e-vem de caminhões carregados de cana queimada, presenciando a nevasca de fuligem trazida pelo vento até nossas casas... O conjunto dessas impressões somadas ao longo da minha vida em Santa Rita e o vínculo afetivo estabelecido entre mim e essa alteridade depois de adulto, constituem a motivação primordial para o presente estudo.

Visando potencializar as vozes dos *sujeitos*, trabalhamos com recursos metodológicos afins, que são a *história oral* e as entrevistas semi-abertas. Figurando como temas centrais, a *memória* e a *velhice* são recursos histórica e intrinsecamente relacionados com os métodos de pesquisa referidos.

Dentre as incontáveis associações mnêmicas construídas pelos *sujeitos*, sobressaíram-se as categorias *tempo*, *trabalho* e *festa*, a partir das quais empreendemos nossa abordagem no terceiro capítulo. Estas categorias são na verdade corolários de mais de uma dezena de outras que, condensadas, resultaram na tríade categórica principal.

Embora as vozes desses idosos representem a matéria-prima deste trabalho, nosso guia teórico disporá do arcabouço de diferentes áreas do conhecimento, já que, como se pode deduzir, essas narrativas nos levaram a conhecer um pouco sobre cada um dos aspectos culturais manifestados pelos interlocutores. As contribuições da História e da Geografia regionais, mas também da Psicologia Social e da Cultura, foram de inestimável valor na contextualização do cenário físico, como também na abordagem dos elementos culturais propriamente ditos.

Ressalve-se, entretanto, que as abordagens *locais* economicista, geográfica, estatística e de *história oficial*, constantes do subtítulo “Caminho do engenho à usina: o progresso da economia canavieira e a conformação de um novo espaço social na zona rural de Santa Rita”, nem sempre representam, aqui, uma opção teórica proposital. Embora sejam de fundamental importância para a composição de um arcabouço teórico sobre a cidade de Santa Rita, esses estudos, aos quais chegamos quando da fase inicial do levantamento bibliográfico, muito raramente privilegiam o ponto de vista do nativo, ou seja, primam quase sempre pela visão institucional de formação das conjunturas políticas, dos processos de formação de mercados, de classificação estética do patrimônio, bem como de circunstâncias históricas produzidas pelas elites. Restará uma dívida, a qual assumimos previamente, caso algum estudo de cunho antropológico sobre a realidade em tela tenha por nós passado despercebido.

Iniciaremos a exposição considerando as etapas do nosso Percurso Metodológico, incluindo os processos de construção do objeto e de (re)inserção e estranhamento no *campo*.

No segundo capítulo, “A Usina São João e o Povoado Engenho Central”, contextualizamos histórica e geograficamente a região que compreende a cidade de Santa Rita e a zona rural onde está situado o povoado, bem como o processo de formação deste último em função da constituição da usina como empresa pioneira na economia açucareira da região. Ainda nesta seção, apresentaremos os principais caracteres estruturais e infraestruturais do povoado, igualmente amparados em estudos contextuais.

No terceiro e último capítulo, “Aqui era mesmo que um céu...”, entraremos na apreciação densa das memórias de nossos dez idosos, quando, oportunamente, tentaremos estabelecer um diálogo entre sua realidade e um pouco de teoria; uma discussão que esperamos seja fecunda em termos epistemológicos e prazerosa em termos de leitura.

1. PERCURSO METODOLÓGICO

1.1 Procurando a agulha no palheiro da cana: um trajeto acidentado na construção de um objeto de pesquisa

Como já mencionado, os caminhos que me conduziram ao presente trabalho constam da minha própria história de vida, partindo desde minha infância. Tendo nascido em Santa Rita e habitado as proximidades da zona rural que compreende as terras da Usina São João, os partidos de cana também fazem parte do meu universo de referências. Desse modo, estabelece-se uma relação de reflexividade entre o pesquisador e seu objeto, pois, diante da hipótese de ser consultado em minha velhice sobre lembranças acerca de minha relação com este universo, estaria em condições de exercitar meu poder de memória e suscitar imagens familiares, embora não na condição de morador das terras da usina.

Além da proximidade geográfica na infância, minha reaproximação desta realidade se deu por outras vias: a primeira delas é de caráter subjetivo, pois parte de uma intensa afeição maturada depois de adulto pela vida rural, seus hábitos, costumes, modos de sociabilidade e solidariedade, relação com a natureza e com o tempo, etc. e, pela oportunidade de ter sido enviado ao Povoado Engenho Central para prestar serviços como cuidador em uma Unidade de Saúde da Família, o que, por si só, é fator de estabelecimento de vínculos estreitos com os usuários. Durante quatro anos mantive estreito contato com os moradores do povoado e, por conseguinte, com aqueles que viriam a ser os *sujeitos* da pesquisa. Tal posição por mim ocupada foi um fator de facilitação quando desta reaproximação dez anos depois de minha partida.

Tendo já definido um espaço físico para pesquisar (um *campo*), um grupo para conhecer (idosos acima de 70 anos) e um método preferencial simpático à antropologia (a *história oral*), inicialmente inquietava-me a questão das formas de comunicação do passado, pressupondo um isolamento geográfico mais acentuado desses idosos e dessa localidade. Ao me perceber enveredando demasiadamente pela área da Comunicação Social e, dessa forma, distanciando-me das possibilidades de orientação em Ciências Sociais, pus-me a rever meu objeto, embora tenha-me mantido fiel ao *campo*, ao grupo e ao método.

Nessa fase, foi determinante a consulta prévia (na forma de entrevista) a três idosos que não constam da amostra final. Estas histórias preliminares são o fruto do mérito dos senhores L.A. (70 anos), M.B. (74 anos) e da senhora T.G. (71 anos), os quais revelaram-me o passado festivo em meio à dura realidade laboral de sua geração e sob o austero comando dos usineiros:

Eu cheguei lá no dia 15 de maio de 1953, era uma noite de festa [...] Tinha as barraquinhas que chamavam os botequins, e eu fiquei encantado com aquilo, e achei que ali era um paraíso [...] Os homens iam trabalhar na usina pra ajudar a família porque a situação não era boa, na época. **(Entrevista concedida pelo senhor L.A., 06/05/2016)**

Chegava o 1º de maio eles (os usineiros) matavam dois bois, levavam pra o campo de futebol, passava o dia jogando [...] À tardinha terminava, era uma festa! [...] Quando terminava a moagem, o último apito da caldeira a turma chamava de “apito da fome”. Se numa família tivesse cinco filho, trabalhava todos os cinco; quando ela parava, ele (o usineiro) mantinha só o pai [...] A turma diz que eles são coronéis, e são de fato, porque existia ordem. Hoje tem a modernidade sem ordem. A culpa não é de ninguém, é a modernidade. **(Entrevista concedida pelo senhor M.B., 15/06/2016)**

Eu ia mais pros festejos da igreja. Porque são nove noites que fazem. Tinha a novena na véspera e a procissão no dia. **(Entrevista concedida pela senhora T.G., 06/05/2016)**

Após a realização dessas entrevistas, o tema das festas populares da comunidade tornou-se meu principal foco como objeto de pesquisa na área da cultura, levando-me a apresentar nova proposta à professora Márcia Longhi, minha orientadora, e, dessa forma, reelaborar meu projeto inicial de pesquisa. Como resultado, investi muito dos meus esforços prévios de leitura nessa área do conhecimento antropológico, descobrindo os estudos em *teoria da festa* empreendidos por autores como Durkheim (2000), Ferretti (2012), Miguez (2012), Chianca (2013), Gomes (2008), Costa e Macedo (2010), Lima (2013), entre outros.

Além das evidências narradas por este grupo primário de idosos, sendo os três antigos e benquistos funcionários da usina já aposentados e residentes na zona urbana de Santa Rita, em dado momento passei a me indagar sobre como teria sido a vida dessas pessoas vivendo em um contexto que, embora figure como distrito de um município³, parece dispor de códigos de convivência e de regras de conduta que, de alguma forma, pareciam-me transcender a esfera jurídica prevalecente na cidade. Indagava-me, principalmente, sobre como seria viver em terras cuja propriedade confere, por assim dizer, poder de Estado aos seus proprietários, na forma como dispõe a Ciência. Como se vêem tendo vivido sob o comando de donos de terras cujo poder de mando, à época em que eram jovens, dispensava o aval das instâncias jurídicas e administrativas do Estado? (Santana, 1990). Na esteira dessa indagação adveio-me uma outra: de que forma, em meio à vida dura e a um rígido sistema de regras, essa geração encontrava em tantas festas a oportunidade de compensar o sofrimento narrado, de estabelecer e estreitar vínculos, de manter vivas suas tradições, de liberar energias reprimidas nos dias de labuta, de (re)afirmar seus sentidos grupais de pertença? Ainda, desempenhariam estas festas

³ Segundo informações de um funcionário do setor de Planejamento da Prefeitura Municipal de Santa Rita (PMSR), por ser incipiente o zoneamento cartográfico da cidade, a Usina São João é uma comunidade ainda não considerada como bairro, mas sim um Núcleo Rural de Habitação.

alguma função mais geral dentro do contexto? Acreditamos, com base em Eckert (2000, p. 1), que o exercício da narrativa, tendo como fonte de imagens temporais a *memória*, é “a maneira singular de problematizar o caráter temporal de suas experiências de vida, exteriorizando valores interiorizados cotidianamente pelo sujeito-narrador [...]”, de forma que o sujeito-narrador detém a legitimidade de seu testemunho e somente *ele*, através do exercício da subjetivação, poderá nos responder tais questões.

Mas, sabemos que “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (Bosi, 1990, p. 39). Não obstante as reminiscências desses idosos avancem para além das terras da família Ribeiro Coutinho, tradicional oligarquia açucareira da região, nossa atenção manteve-se, em especial, sobre os acontecimentos passados no Povoado Engenho Central, local onde se encontra a Usina São João, circundado por vilas, palco de grandes eventos culturais e, por esse motivo, o coração do gigantesco sistema agrícola empreendido pelos Coutinho. Tal escolha se justifica exatamente pelo grande número de referências preliminares acerca da intensa vida festiva outrora experimentada pelos *então* jovens moradores do povoado, mais especificamente os *sujeitos* dessa pesquisa. Pelo mesmo motivo, durante a realização das entrevistas principais, o processo nos levou a reconhecer a impossibilidade de manter-nos restritos ao universo das festas, pois, as associações mnêmicas e suas infinitas ramificações permitem aos *sujeitos* a tessitura da própria história num fluxo que é, ao mesmo tempo, dinâmico e aleatório.

Ademais, impossível seria supor que suas vidas fossem permeadas apenas de momentos lúdicos, já que inseridos na dura realidade das plantações de cana-de-açúcar como peças na engrenagem hierárquica herdada dos antigos engenhos. Impossível ignorar suas histórias sobre trabalho, família, regras sociais específicas, suas temporalidades, religiosidade, entre outros aspectos. Dessa forma, nossa intenção inicial de analisar *apenas* a vida festiva do povoado foi irreversivelmente sendo redirecionada, também, para essas instâncias da vida social desses comunitários, de forma que o trabalho foi sendo modelado e guiado por força das memórias colhidas.

Delineava-se, assim, alguma relação entre tempo, trabalho e festa, bem como o sistema de regras sociais regente e outras dimensões da vida desses idosos. Reconhecemos, entretanto, a necessidade de continuidade deste trabalho, bem como de novos estudos de caso sobre esta auteridade, se quisermos verificar possíveis vínculos sistêmicos entre essas dimensões socioculturais nesse contexto. Ao longo do trabalho nos detemos, portanto, com maior atenção às dimensões *tempo, trabalho e festas*, tomadas nessa ordem, tratando o conjunto das

demais dimensões: *passado/presente*, *regras/dominação*, *sagrado/profano*, como subcategorias (não menos importantes) daquelas, respectivamente.

O destaque dado às três categorias sobressalentes justifica-se pelas constantes comparações entre passado e presente verificadas nos depoimentos, onde, o presente é o *tempo* destituído de faturas, quase sempre representado pela decadência da usina, repleto de incertezas e carências; enquanto o passado traduz-se pelo sentido oposto, isto é, um tempo de abundância de recursos e de alegrias. Porém, esta “felicidade” tem para esses idosos sinônimo de trabalho; por mais pesada que tenha sido sua lida, ela jamais toma a forma de um fardo ou de uma sina, mas, resignadamente, ganha o sentido de *tempo bom*. Por sua vez, as muitas e efervescentes festas surgem quase que espontaneamente no meio das falas, coroando de glórias esse passado que é ao mesmo tempo laborioso e farto, principalmente quando comparado ao presente.

O recurso à oralidade e à *memória*, enquanto método e mecanismo de interação com o tempo vivido e a realidade, respectivamente, possibilitou o arranjo metodológico de abordagem e inserção no objeto *agora* melhor definido: *apresentar e compreender os aspectos socioculturais próprios de uma comunidade rural e de uma geração de idosos a partir de suas narrativas, procurando entender pela ótica cultural de que forma se viam inseridos num contexto de relação de poder localizado, de onde, no entanto, se extraem as mais felizes lembranças entre festa e trabalho*.

1.2 Trabalho duro no *campo*: breves considerações sobre um processo de (re)inserção

Nas primeiras visitas ao *campo*, o posto de saúde tornou-se para mim um ponto de apoio que posteriormente veio a ser de fundamental importância devido à contribuição da enfermeira do trabalho Cleonice, minha antiga colega de trabalho. Cleonice aconselhou-me a procurar alguns velhos moradores do povoado, entre os quais seu Orlando e dona Alicia, ambos da Vila Operária. De igual relevância foi a atenção dada pelo informante Veríssimo, homem de meia-idade exercendo então a função de fiscal patrimonial, profundo conhecedor das histórias do povoado, de sua população e de eventos marcantes. Tendo sido autorizado por um superior, Veríssimo, paciente e solícitamente, me fez as vezes de um guia turístico, levando-me ao interior da velha *casa-grande* e da Capela de São João Batista, ao mesmo tempo em que contava histórias sobre essas construções e sobre celebrações e festas tradicionais do povoado.

O trabalho de *campo* consistiu de visitas regulares ao povoado antes da realização das entrevistas semi-abertas. Nessas ocasiões busquei o auxílio de duas agentes de saúde responsáveis pelas microáreas próximas ao posto, Alba e Cecília, chegando, dessa forma, a obter destas as indicações dos nomes de alguns dos idosos *ainda* residentes no povoado. Essa fase inicial me proporcionou também algumas observações importantes e sondagens tanto a trabalhadores da usina quanto a antigos moradores. A propósito dessas observações, vale ressaltar que o povoado me parecia *agora* bastante despovoado, tamanha era a quietude e ausência de transeuntes nas ruas. De fato, confirmava-se o que disseram-me as agentes de saúde, que muitos idosos ou haviam falecido ou mudaram-se para a cidade. Explica-se, dessa forma, as entrevistas por nós realizadas fora do contexto físico original, distantes, portanto, dos cenários tão caros a esses *ausentes*.

A importância do resgate do aspecto lúdico que propomos justifica-se pelo fato de suas festas serem *hoje* bastante escassas. O que antes fora um rico foco de eventos festivos, celebrados ao longo de todo o ano e frequentado por gente inclusive de outros estados, tornou-se um pacato povoado agrícola no meio da vegetação. Seu calendário festivo/popular veio sendo diluído ao longo das últimas décadas até o ponto de restar apenas a festa de São João, santo patrono da Companhia que leva seu nome. Tivemos a oportunidade de observar essa festa *in loco*, bem como sua preparação poucos dias antes. Esta foi nossa única incursão no universo popular com o qual entraríamos em contato com as futuras entrevistas. Estas conclusões preliminares são o resultado dessa experiência em contato interativo direto com os participantes da festa.

As entrevistas foram realizadas no período de 13 de setembro a 5 de dezembro de 2016, quando minhas idas ao campo se intensificaram. As aproximações se deram de forma tranquila, sobretudo quando mediadas. Tratava sempre de me (re)apresentar, dizendo ser estudante, deixando claro porquê ali estava e quais eram os meus objetivos. Ao me identificar como “o rapaz que trabalhou no posto” era imediatamente lembrado com alegria, o que me enchia de confiança. Por vezes, aconteceu desse momento inicial desencadear espontâneos fluxos de lembranças sem que eu houvesse formalizado um ambiente de entrevista. Quando, por algum motivo, as entrevistas não puderam acontecer de imediato, acordávamos um dia no qual eu pudesse voltar. A cada entrevista, nosso roteiro (conjuntamente elaborado) foi sendo aplicado com maior segurança e precisão, propiciando um gradativo aprendizado ao pesquisador. A maior parte das entrevistas aconteceu no interior das casas dos interlocutores, algumas delas na presença e/ou sob a escuta de algum parente como um filho ou filha; outra

parte aconteceu a céu aberto, sempre sob a sombra de árvores nas imediações das residências, em meio ao vento e sujeitas a breves interferências de terceiros.

A opção pela *entrevista semi-aberta* possibilitou aos sujeitos a liberdade da qual não pode prescindir o próprio ato de rememorar. A seletividade da memória constitui aqui um direito inalienável do próprio recordador. Dessa forma, foi por nós elaborado um roteiro “flexível” de entrevista que garantisse a necessária autonomia dos *sujeitos* sobre seus dados biográficos. Sendo a reconstituição dos fatos biográficos ao mesmo tempo um exercício e uma tarefa que requer um trabalho de refacção da própria história de vida, não nos preocupamos rigorosamente com a veracidade histórica dos relatos, mas nos interessa, sobretudo, delinear os contornos socioculturais de um tempo e de um espaço através da visão de mundo representada pelos *sujeitos* acerca de seu mundo particular, de vez em que deve nos importar mais “[...] a riqueza do testemunho que aportam a partir de suas histórias vividas” (Eckert, 2000, p. 8).

A *história oral* foi o recurso metodológico por excelência na captação dos depoimentos dos dez idosos, todos com idade superior a 70 anos, sendo seis mulheres e quatro homens. As histórias foram registradas em áudio, transcritas durante os meses de dezembro de 2016 e janeiro de 2017, dimensionadas em gráficos e categorizadas de modo a permitir uma visão global dos tópicos relevantes, primando pela fidedignidade das falas, sem prejuízo dos pormenores. Em poucas linhas voltaremos a falar mais especificamente sobre o recurso à oralidade.

Não obstante as agentes de saúde mencionem o atual desaparecimento de muitos idosos, seja por morte ou por motivo de migração, posso informar da grande quantidade de idosos longevos presentes no povoado no início dos anos 2000, quando de minha experiência de quatro anos como servidor público em saúde neste local. Sendo “os velhos” o grupo privilegiado de interlocutores deste trabalho, definimos o recorte etário para “acima dos 70 anos” com o objetivo de alcançarmos o máximo de profundidade temporal nas histórias individuais e de sua coletividade, reservando a estes atores o lugar honroso de guardiões de sua cultura e de porta-vozes de seu tempo.

Meu aparelho celular foi o instrumento físico empregado na captação das vozes em todas as entrevistas, o que possibilitou a íntegra transcrição das mesmas. O recurso à transcrição minuciosa das narrativas foi de fundamental e imprescindível valor para um mergulho fecundo no objeto de pesquisa, pois, além de facilitar a edição e seleção dos trechos mais emblemáticos, possibilita uma reflexão concomitante ao processo de escrita, resultando em apreensão cognitiva significativa do objeto.

As formas tradicionais de tratamento “seu” e “dona” são por mim mantidas ao longo do texto por força do costume. De resto, sobressaem-se as categorias e ideias dos próprios *sujeitos*. Por exemplo, procurou-se transcrever as falas respeitando rigorosamente a forma peculiar pela qual os *sujeitos* da pesquisa expressam seu pensamento, o que nos permitiu identificar muitas semelhanças tanto na pronúncia quanto na semântica.

1.3 Velhos amigos do Brasil: apresentando dez idosos do Povoado Engenho Central (Usina São João)

Vale salientar que nem todos os interlocutores são nascidos nas terras da usina. Somando quatro ao todo, chegaram a estas paragens quando eram infantes ou muito jovens, vindos de outros contextos também rurais. Além do vínculo geracional, o fato desses emigrantes terem vivido mais da metade de suas vidas partilhando do mesmo universo social dos nativos, torna-os legítimos representantes da cultura local. De acordo com Mannheim (1982, p. 72) “existe uma tendência inerente a toda situação que aponta em direção a certos modos definidos de comportamento, sentimento e pensamento”, conformando um *habitus* comum, possível aos que partilham do mesmo *tempo* na dimensão histórica do processo social, importando menos, neste caso, se esses indivíduos nasceram no mesmo ano e no mesmo lugar.

Embora unidos pela condição de velhice e pela experiência geracional partilhada, faz-se oportuna uma breve apresentação dos dez *sujeitos* participantes da pesquisa (tabela 1), a partir da qual possamos distingui-los mais precisamente. Antes, porém, registre-se que valemo-nos de nomes fictícios com a finalidade única de manter preservado seu direito ao anonimato:

Tabela 1: Apresentação dos perfis dos sujeitos da pesquisa.

SUJEITOS	ORIGEM	IDADE	NÍVEL DE INSTRUÇÃO	PROFISSÃO OU ATIVIDADE LABORAL DESEMPENHADA	TEMPO DE ESTADA NO POVOADO
Eduarda	Da zona rural de Araçagi, PB.	79 anos	Analfabeta	Agricultora	Viveu no povoado por 54 anos
Vinícius	Da Usina São João	98 anos	Analfabeto	Operário/agricultor	Viveu no povoado por 91 anos
Benedita	Do sítio São João de Mamanguape, PB	81 anos	3ª série	Agricultora/comerciante	Vive no povoado há + ou - 76 anos
Orlando	Da Usina São João	81 anos	3ª série	Operário	Vive no povoado Desde que nasceu
Valentina	Da zona rural do Conde, PB.	90 anos	Analfabeta	Enfermeira autodidata	Vive no povoado há + ou - 62 anos
Lena	De Cruz do Espírito Santo, PB	78 anos	Analfabeta	Agricultora/comerciante	Vive no povoado há mais de 35 anos
Alicia	Da Usina São João	85 anos	4º ano	Sem ocupação informada	Vive no povoado Desde que nasceu
Braz	Da Usina São João	89 anos	Analfabeto	Operário/agricultor	Viveu no povoado por mais de 75 anos
Felício	Da Usina São João	74 anos	Analfabeto	Operário	Viveu no povoado por + ou - 53 anos
Júlia	Da zona rural de Sapé, PB. (terras da Usina São João)	80 anos	Estudou pouco	Comerciante	Viveu no povoado por 46 anos

Fonte: Entrevistas

Como se trata de memórias contextualizadas em espaço e tempo específicos, os velhos e velhas habitantes do Povoado Engenho Central assim se apresentam:

Dona Eduarda:

Morei na usina mas não sou da usina. Eu sou de Araçagi, nascida e criada lá no sítio. Eu vim pra usina com 24 ano de idade. Nesse tempo eu era bem forte, bem reboculosa, que nem diz o povo. Fiquei na usina e num fui mais pra canto nenhum. Porque meu marido era daqui, num ia pro interior, né... A gente fomo criada na enxada. Meu pai morreu, a gente ficou tudo pequena... fomo trabalhar pra se manter. Eu fui muito sacrificada com minha vida, até hoje. **(Entrevista, 13/09/2016)**

Seu Vinícius:

Eu nasci em 18... nasci no lugar que nasci, na Usina São João; me criei e morei 90 ano. Eu tô com quase 99. **(Entrevista, 21/09/2016)**

Dona Benedita:

Tô com 81 ano. Eu nasci em São João de Mamanguape, Lagoa do Saco. Cheguei pra usina com quatro pra cinco ano, por aí assim. Eu não vim praqui né, eu fiquei em Saboeiro. Saboeiro é terra dessa usina, é umas casa... **(Entrevista, 29/09/2016)**

Seu Orlando:

Eu nasci aqui mesmo na Usina São João em 1935, dia 15 de julho de 1935. Naquele tempo não tinha maternidade, as mãe de família ganhava neném em casa, era as parteira que ia e fazia. **(Entrevista, 07/10/2016)**

Dona Valentina:

A gente morava num lugar chamado Várzea Redonda; lá era uma fazenda; era como...assim... o Conde... tinha uma casa aqui outra lá. Minha mãe morava perto. Eu nasci lá também. Tenho três filho, dois homi e uma mulher, nenhum nasceu na usina. Quando eu me casei eu tinha... Eu com 18 ano fui mãe daquele bonitão⁴... Tem um tempinho já, viu. (risos) **(Entrevista, 07/10/2016)**

Dona Lena:

Eu nasci e me criei no Engenho Santana, município de Cruz do Espírito Santo, aí me casei e vim morar em Maraú; do Engenho Maraú eu vim morar em Maçangana, que era de um finado Abílio Dantas; de lá eu fui morar em Pirpirituba, na terra de Antônio Cunha; de Antônio Cunha a gente veio aqui pra Usina São João, e aqui ainda tô. Aqui eu morei em Saboeiro, que é da Usina São João, aí vinhamo aqui pra um sítio chamado Volta do Quimba... Eu morei dezessete ano lá. **(Entrevista, 01/11/2016)**

Dona Alicia:

Eu nasci no dia 12 de novembro de 31. Minha mãe falou que naquele tempo era um tempo muito atrasado, né... Mas ela me falou... quando João Pessoa morreu, eu num era nascida, né... quem nasceu foi um dos meus irmão, em 29. De tudinho, morreu meu pai, morreu minha mãe, morreu meus três irmão, e só tá aqui eu. Da minha família mesmo, só resta eu. **(Entrevista, 02/11/2016)**

Seu Braz:

Rapaz, eu tô com 89 ano. Eu nasci em 27, na usina. Nasci no terreno da Usina São João, na Volta do Quimba. Eu sei que o primeiro morador da Vila (Operária) foi o gerente. Eu também casei com a empregada dele. Aí, ele chegou e me deu uma casa lá. Morei um bocado de tempo lá na Vila. Parte daqueles povo já morrero tudinho, e muitos tá aqui dentro de Marco Moura. Ali, agora só tá o pessoal novato, mas os mais velho, muitos já morreu. **(Entrevista, 05/12/2016)**

Seu Braz é irmão de seu Felício.

Seu Felício:

Tenho 74 ano. Nasci na Volta do Quimba em 42. Nós somo tudo dali da Volta do Quimba. **(Entrevista, 05/12/2016)**

Seu Felício é esposo de dona Júlia.

Dona Júlia:

Nasci numa fazenda em Sapé, mas sendo dos mesmo dono da Usina São João. Lá era sítio... chamava-se “Fazenda”, nessa época. Quando foi depois botaro Fazenda São José. Por isso que eu digo que sou Fazenda São José, município de Sapé. Vim com treze ano pra casa do dono da usina. Casei em janeiro de 62 com 25 ano. Aí pronto, botei o “hotel” e fiquei lá até... eu nem me lembro mais. Faz vinte e um ano que a gente saiu de lá. **(Entrevista, 05/12/2016)**

No terceiro capítulo, totalmente dedicado às suas memórias, e que representa o cerne deste trabalho, teremos a oportunidade de mergulhar em suas histórias, tão representativas de seu tempo, de sua cultura, de sua geração, de seu contexto. Contudo, alguns traços gerais comuns podem ser esboçados, tanto com base na interseção interpretativa entre a tabela e as

⁴ O primogênito de dona Valentina é o senhor L.A., o mesmo que nos concedeu entrevista na fase preliminar da pesquisa.

citações, quanto de forma a antecipar algumas de nossas proposições: Como se pode depreender, todos os sujeitos nasceram em contextos rurais; pelo menos metade trabalhou com o cultivo da terra, extraindo desta parte de seu sustento e mantendo com ela vínculos afetivos; sobretudo os homens dedicavam-se ao trabalho institucional (na usina); às mulheres cabia a manutenção da rotina doméstica, mas se encarregavam de desenvolver meios alternativos de subsistência familiar como a agricultura, o comércio, também a pesca, etc.; mesmo os não-nativos vivem ou viveram mais da metade de suas vidas no povoado; todos os *sujeitos* são analfabetos ou semi-analfabetos, tendo abandonado a escola em decorrência da necessidade precoce de trabalho; por sua vez, essa necessidade premente perpassa sobremaneira as diferentes fases de suas vidas, partindo da infância até enquanto o corpo aguentar; a Usina São João fora sua principal fonte de renda familiar na juventude e fase adulta, e sua lógica de produção é reguladora da dinâmica social e do ritmo doméstico; o centro decisório de poder está personificado na figura dos diferentes usineiros, todos da mesma família, e cujas imagens despertam os mais variados sentimentos, mas nunca a indiferença; a abrangência do poder dos usineiros é da mesma grandeza de suas terras, ou seja, tudo quanto exista dentro desses limites (propriedades, equipamentos, patrimônios arquitetônicos, casas, pessoas...) está sujeito ao destino que lhes der àqueles; todos manifestam uma ideia negativa de presente em relação ao passado; catolicismo e protestantismo são as únicas religiões a que pertencem, sendo a primeira a mais cultuada e responsável pela formação histórica local de rituais festivos; muito de sua vida festiva se deve à influência da igreja católica e seus estreitos vínculos com o poder econômico e político dos usineiros. Direta ou indiretamente, estas duas instituições, a igreja (católica) e a usina, ajudaram a formar o substrato da maior parte das histórias aqui lembradas.

Acrescente-se ainda que, embora uma análise de gênero não tenha sido o foco de nossa investigação, optamos por contrabalançar o número de homens e mulheres constantes da amostra com a finalidade de identificação genérica dos “lugares” e dos “papéis” de ambos os sexos na estrutura de relações que têm (tiveram) lugar nesse contexto. Disto resultaram distinções quanto às atividades na esfera do trabalho e das festas privadas (bailes), conformando a definição social de espaços de atuação específicos para cada gênero.

1.4 História Oral e memória como recursos metodológicos fundamentais: um pouco de teoria

O ato de contar histórias pode ser considerado como uma das práticas mais antigas da humanidade. A oralidade se encarrega da transmissão das culturas de uma geração a outra, mantendo vivas na memória a tradição de povos e grupos.

Com o passar dos séculos as sociedades seguiram aprimorando essa prática na busca por formas cada vez mais inteligíveis de registro de suas tradições, conhecimentos, técnicas, costumes, sistemas morais, mitos, etc.. A segunda metade do século XX marcou um avanço significativo na operacionalização e instrumentalização desta prática, conferindo-lhe um estatuto de método científico.

O que se convencionou chamar de *história oral* consiste em uma metodologia de pesquisa que se realiza através de entrevistas com pessoas detentoras de notório conhecimento sobre acontecimentos passados, já consumados no tempo. Essas entrevistas ajudam a compor uma série de documentos de caráter histórico/biográfico e são tidas na atualidade como autênticas fontes de compreensão do passado, facilitando a apreensão deste pelas gerações presentes e futuras.

De acordo com o site do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), a consolidação deste método se deu nos anos 1950 por ocasião da invenção do gravador nas américas do Norte, Central e na Europa. Sua rápida difusão se deve à sua capacidade de adequação e experimentação por profissionais de áreas diversas das ciências humanas e sociais.

Até sua introdução no Brasil na década de 1970 e definitiva consagração na década de 1990, a *história oral* percorreu um trajeto nem sempre retilíneo na luta por sua afirmação, passando por sua marginalização pela corrente positivista no século XIX até sua revalorização a partir da emergência dos conflitos sociais e deslocamento de interesses da *estrutura* para o universo das relações micro na década de 1960 do século XX, quando um grande número de pesquisadores em História procurou dar ênfase às vozes das minorias por muito tempo silenciadas (Picoli, 2010).

Com a ênfase *agora* voltada para a unidade micro da sociedade, individualizada pela subjetividade dos pontos de vista em oposição direta com as ideologias totalizantes do progresso, uma nova dinâmica social passou a ganhar espaço, fazendo renascer o interesse pela *história oral*.

Por sua vez, como um recurso intrínseco à *história oral*, a *memória* constitui o substrato de toda a vida psicológica do indivíduo e está na ordem das nossas representações, ou seja, são compostas dos signos que nos ajudam a traduzir o mundo a nossa volta. Neste sentido, traduzir significa processar os estímulos do mundo externo para dar-lhes um sentido.

Conhecido como o sociólogo construtor do conceito de *memória coletiva*, Maurice Halbwachs (1956, apud Bosi, 1994) vê a memória como um “trabalho de reconstrução”. Desse ângulo, lembrar é um exercício de refacção do passado em condições totalmente novas de percepção, de forma que as lembranças não significam mais um simples “resgate” de imagens pretéritas pela memória, mas são por *ela* (re)construídas, (re)trabalhadas sob as impressões atualizadas do “eu” em relação a si e à sua história. Por conseguinte, a *memória coletiva* é aquela que se encontra vinculada à memória das instituições como a família, a rede de amigos, a escola, o trabalho, numa palavra, como memória grupal. Em última análise, nesse sentido, nossa memória é a memória dos “outros”, está invariavelmente inserida na *memória coletiva*.

O legado de pensadores como Halbwachs em *teoria da memória* fez escola e deu origem a outros constructos, alguns dos quais passamos a apresentar, grosso modo, enquanto aproveitamos para relacioná-los com algumas memórias narradas nas entrevistas:

Nunes (2010) ressalta a dimensão coletiva da memória ao propor que as memorializações evocam personagens, estando estes associados a fatos, épocas e lugares. Por isso se pode dizer que a memória está para além do individual, mas, principalmente, é um fenômeno social e coletivo. Ao lembrar Frei Damião, dona Benedita refaz o trajeto das procissões conduzidas por ele no Povoado Engenho Central: “Saía aí da igreja, ia pra o fim da Ilha, depois vinha pra Vila, aí entrava pra igreja de novo” (Entrevista, 29/09/2016).

A memória pode ser (re)construtora de identidades. O exercício de memória, enquanto um fluxo dinâmico de quadros sociais ancorados em dados biográficos, suscita o que Nunes (2010) chama de *imaginação criadora*. Nesse sentido, as associações mnêmicas atendem a necessidades sociais do presente, quais sejam, a (re)construção das identidades, dos sentidos de pertença e da continuidade no tempo. Orgulhosa de si, dona Alicia lembra de momentos em que se entregou à dança: “Eu fui tão dançarina! Eu dancei tanto, de criar calos nesses pés [...]” (Entrevista, 02/11/2016).

A memória pode atender a necessidades de autoafirmação pela ressignificação do passado. Para Venson e Pedro (2012) a memória é uma invenção da subjetividade porque se configura como um exercício individual de refazer-se a si fora dos padrões de verdade estabelecidos no interior das relações históricas de poder, ou seja, uma tentativa de se

ressignificar sem a influência da norma. Hoje distante no tempo e fisicamente do sítio onde morou e plantou, longe também da influência dos antigos patrões, seu Vinícius diz ser dever do Estado a garantia do direito à propriedade: “[...] agora é tarde! Só que o governo federal desse um destino pra quem tivesse alguma coisa dentro da terra de gente rica, tomar, pegar” (Entrevista, 21/09/2016).

Essa “chamada para a significação da experiência⁵” pode servir como oportunidade de (re)afirmação de valores locais em face de ideologias hegemônicas. Dessa forma, Venson e Pedro (2012) reforçam o caráter político intrínseco ao ato de lembrar. Este significa por em movimento a prática do discurso nos termos dos pós-modernistas, isto é, a fonte oral encontra-se sob a influência de uma relação de poder, no entanto, seu discurso nos informa não uma forma universal de razão, mas uma visão de mundo peculiar, enraizada em um contexto histórico. Relembrando as festas da Usina São João, seu Vinícius parece querer nos informar que naquele lugar a regra de festas diferia da cidade pela duração e intensidade com que aconteciam: “Na usina tinha festa três dia, festa mesmo de torar [...] Vinha gente de Sapé, de Mari, de Guarabira, de Recife, pras festa da Usina. E quando vinha não queria mais voltar não, porque a festa era grande demais e a farra era de torar mesmo!” (Entrevista, 21/09/2016).

A memória pode ensejar continuidades. O exercício da memória em idosos permite a esses possuidores de sua história remontarem o tempo e perpetuarem suas ações no mundo, é o que Nunes (2010) chama de *duração*. Narrar suas experiências de relação com o meio espacial significa reinserir-se na continuidade sócio-histórica, deixar-se apreender pelo espaço e tempo locais, ressignificando o sentido de pertencimento. Ao ser perguntado se voltaria para o sítio, seu Vinícius acrescenta: “Ia cuidar da terra. Terra boa de trabalhar, de lavoura...” (Entrevista, 21/09/2016).

Desta forma, põe-se em relevo a questão da seletividade da memória, pois, durante as interações com "o outro" estabelecem-se relações de poder entre as identidades. Por isso, a memória nem sempre traz à tona regularidades do passado, mas pode ser evocada de forma pontual, sob influência dos contatos, enquanto o indivíduo se coloca numa interação com seu ego, aurindo elementos que podem ser manipulados e/ou adequados à experiência do aqui/agora.

⁵ É a própria entrevista que, segundo Venson e Pedro (2012), converte-se ao mesmo tempo em ferramenta e fonte tanto da História quanto da Antropologia.

1.5 Breves considerações sobre a velhice

A depender do tipo de sociedade e como esta classifica seus membros idosos, há um momento de ingresso definitivo naquilo que convencionalmente chamamos *velhice*. A partir desse *marco* socialmente determinado, uma vez tendo deixado para trás uma vida inteira sobre a qual se possa desenhar a própria história, seja verbal ou graficamente, resta ao idoso um último prestígio, o de lembrar; torna-se o guardião das tradições de seu grupo (Bosi, 1994).

A antropóloga Miryam Moraes Lins de Barros (2006) pontua que os estudos antropológicos sobre as diferentes fases etárias do indivíduo contemporâneo desenvolvidos a partir da década de 1970 são responsáveis pela abertura do tema da *velhice* ao escrutínio das demais disciplinas quando, à época, as questões relativas ao tema sofriam de uma indiferença e falta de interesse dialético por parte da imprensa e mesmo da academia. Nas ideias desenvolvidas por esta autora estabelece-se uma distinção entre velhice e envelhecimento no contexto da sociedade contemporânea, onde, a primeira é tida por uma condição de estar-se vivendo um presente marcado de estigmatizações em decorrência do arrefecimento das forças vitais e da produtividade, enquanto o segundo pode ser considerado como um processo que admite a possibilidade de reflexão, durante o qual ocorrem transformações nos modos de percepção da própria trajetória de vida como, por exemplo, a questão da finitude, etc..

O envelhecimento enquanto processo está na pauta de políticas públicas e ações sociais, mas também enviesado em estratégias de mercado voltadas para os idosos enquanto público capaz de absorver os ideais apregoados pela ideia contemporânea de “terceira idade” como os de rejuvenescimento segundo padrões de beleza estereotipados e onerosos, o acesso a novas tecnologias e a viagens turísticas, entre outros. Lins de Barros (2006, p. 121) sugere, ainda, que

No contexto brasileiro, estes modelos de envelhecimento devem ser pensados em relação às desigualdades sociais que se expressam no enorme contingente de velhos que vivem na pobreza e, portanto, impedidos de aderir aos elementos que compõem o perfil da terceira idade [...]

Relativizando a ideia das promessas libertárias para os idosos na pós-modernidade, Debert (1997) assinala que a construção social das diferenças etárias permanece como um mecanismo fundamental no mapeamento das diferenças que visam o desempenho de papéis bem definidos dentro de uma estrutura de valores hegemônicos que privilegiam a noção de juventude eterna.

O *coeficiente de adversidade* na idade avançada (Bosi, 1994) propicia ao idoso o aguçamento das percepções acerca dos limites e dos perigos impostos pela idade, quando

sente mais pesado o próprio corpo e mais acentuada a lentidão dos reflexos; quando o simples ato de atravessar a rua exige um esforço extra de atenção e habilidade, etc.. A percepção das próprias limitações construída ao longo do decurso da vida, tanto físicas quanto mentais, costuma ganhar um lugar de destaque como em passagens como estas de dona Benedita (81), dona Valentina (90) e dona Lena (78), nesta ordem:

Eu achava bonito quando batia o inverno que eu plantava, cavava lerão, olhava assim tava vermelho de feijão, milho quase amadurecendo, jerimum que só pedra. Eu gostava mesmo de trabalhar na chuva. Mas hoje em dia, Jesus, tô arrastando as perna porque não posso mais nem com a enxada. Só Deus sabe! **(Entrevista, 29/09/2016)**

Eu trabalhei... Eu era casada ainda, né... Meu marido morreu aqui, vivia sempre internado... E assim tô aqui, graças a Deus! Mas não passo muito bem não, a minha idade não tá bem não. Eu já tô roubando a idade dos outros, a sua, a dela... **(Entrevista, 07/10/2016)**

Desde que eu cheguei praqui que tinha escola de noite, mas... Meu filho, se eu não dei nada na infância... na mocidade, na velhice, eu vou dar mais pra quê? **(Entrevista, 01/11/2016)**

O presente do idoso é um “lugar” muito diferente do presente do adulto e o deste, por sua vez, muito diferente do presente de um jovem ou adolescente. Embora de seu ponto de vista a vida imprima um sentido de *fim de linha*, sua posição faz renascer o poder de contemplação interrompido na juventude por força das demandas práticas da vida adulta; “Cresce a nitidez e o número das imagens de outrora, e esta faculdade de relembrar exige um espírito desperto [...]” (Bosi, 19994, p. 81). Convidado a recordar, o idoso não está de folga do trabalho, descansando; de fato, ele está interessado em lançar luz sobre seu passado, por isso o faz sem grandes esforços até o ponto de querer partilhar, também, das lembranças de seus contemporâneos, (re)inscrevendo-se na continuidade temporal.

2. A USINA SÃO JOÃO E O POVOADO ENGENHO CENTRAL

2.1 Caminho do engenho à usina: o progresso da economia canavieira e a conformação de um novo espaço social na zona rural de Santa Rita

O sistema primitivo de produção de açúcar e alguns de seus derivados conhecido como *engenho* fora implantado em terras paraibanas no final do século XVI. Já em 1810, produtores estabelecidos na província importavam cana de qualidade de outras colônias portuguesas (Santana, 1990), o que, por si, é um indicativo da inegável evolução desta cultura na região.

Em Santa Rita eclodiram as primeiras unidades de fabricação artesanal do açúcar, os *engenhos*, nas quais o braço escravo era empregado em todas as etapas da produção. O grande número de propriedades destinadas ao cultivo da cana desde os primórdios da cidade é responsável pela conformação de uma vasta área rural dentro de seus limites. No esteio das transformações sócio-históricas ocorridas, sobretudo, no século XIX, os engenhos foram cedendo lugar ao modo tecnológico de produção das usinas, e Santa Rita conheceu uma nova fase de domínio da lavoura canavieira, quando, então, o *trabalho livre* havia convertido-se em equivalente funcional do *trabalho escravo*.

O município de Santa Rita está localizado na mesorregião da Mata Paraibana, compondo ainda a microrregião de João Pessoa, com quem faz fronteira a leste, possuindo, desta forma, uma extensão territorial na ordem de 730, 205 quilômetros quadrados em 2015, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ainda de acordo com este órgão, sua população está atualmente estimada em 135, 915 habitantes. Santa Rita está inserida nas bacias hidrográficas dos rios Paraíba, região do Baixo Paraíba, Miriri e Gramame, tendo como principal afluente o Rio Paraíba. Sua paisagem é caracterizada pela geomorfologia do Baixo Planalto Costeiro. Isto indica a presença de tabuleiros, ou seja, planícies irregulares com altitudes variáveis em meio a depressões e vales (Silva, 2006).

Por ser banhada de canto a canto pelo Rio Paraíba, a qualidade de seu solo tanto é favorável ao cultivo de várias culturas como também objeto de especulação fundiária visando investimentos em monoculturas, sendo a principal delas a da cana-de-açúcar desde seus primórdios, pois, o surgimento deste município, bem como sua expansão, devem muito ao processo histórico de ocupação territorial pela atividade canavieira.

É significativo o fato de Santa Rita fazer fronteira com onze municípios, sendo seis destes grandes plantadores de cana a constar de estudos estatísticos realizados até o ano de 2007 (Silva, 2006; Cuenca e Mandarino, 2007). Isto implica dizer que parte considerável de

seu território encontra-se cercada de canaviais, tendo como única exceção seus limites mais a leste.

Nas terras de Santa Rita surgiram os primeiros engenhos da Paraíba, consolidando este município como o maior produtor de derivados da cana-de-açúcar da região em meados do século XIX. Em 1854 Santa Rita contava com 29 engenhos entre 129 títulos de propriedade (Santana, 1990). Dessa forma, podemos afirmar que a história dessa cidade se confunde com o desenvolvimento e expansão de um sistema de produção que, desde a colonização, representou toda uma cultura de relações sociais hierárquicas encerradas em propriedades fundiárias nas quais o centro de poder estava representado na *casa-grande*, mais especificamente na pessoa do *senhor-de-engenho*.

Na lógica de expansão desse sistema ocorrida em Santa Rita e mesmo em nível nacional, Silva (2006) identifica três grandes momentos desse processo abarcando um período histórico que vai do século XVI até início do XX: o do domínio dos engenhos banguês, o da efêmera experiência dos engenhos centrais e o de ascensão das usinas de açúcar.

Dos 29 engenhos mencionados, um dos mais conhecidos e estudados pela historiografia local é o Engenho São João. Com base no estudo realizado por Amarante (2009), podemos afirmar que o nome do santo católico São João esteve associado a esta propriedade desde sua fundação, quando herdeiros de José Teixeira de Vasconcelos fundaram o Engenho São João. Esta unidade era composta de pequenos vilarejos nos quais a cana era cultivada por seus moradores e suas famílias, e ainda transportada em animais ou locomotivas. Com as novas demandas do capital externo e a pressão de seus mercados, os produtores desse e de muitos outros engenhos se viram envolvidos numa das maiores crises já enfrentadas pelo setor frente à crescente competitividade entre os principais países produtores de açúcar. Assim, entramos no período histórico dos engenhos centrais na Paraíba. Santana (1990, p. 195) ressalta a presença do elemento lúdico quando de sua fundação:

Em meio a grandes festejos, a 20 de agosto de 1885 iniciou-se a construção do Engenho Central São João (na freguesia de Santa Rita, município da Capital), com a finalidade de “melhorar o fabrico do assucar de canna mediante o emprego de aparelhos modernos e aperfeiçoados”.

Dessa forma, podemos concluir que o então Engenho Central São João fora instalado nas terras do antigo Engenho São João. Isto quer dizer que a futura Usina São João seria assentada sobre a estrutura primária do Engenho Central natimorto. Dizemos “natimorto” devido ao fato de este ter sido implantado de forma tardia, quando a experiência dos engenhos centrais já tinha dado sinais de fracasso precoce por onde quer que tenha sido tentada. Como novamente nos esclarece Santana (1990, p. 195):

Mesmo não contando com o apoio provincial à política de engenhos centrais, em razão [...] de seu precoce fracasso, [...] tinha lugar a primeira concessão para a implantação de um Engenho Central na Paraíba, que se localizou em terras pertencentes ao antigo Engenho São João, adquirido de herdeiros de José Teixeira de Vasconcelos, Barão de Marauá, que passou à denominação de Engenho Central São João, na freguesia de Santa Rita, município da Capital.

O Engenho Central São João era o fruto do esforço retomado pelas frações das oligarquias do açúcar no intuito não apenas de reafirmar sua importância na economia nacional, mas, oportunamente, de revitalizar o processo do fabrico de açúcar em condições que garantissem sua reinserção no mercado internacional. Tratava-se, na verdade, de superar a letargia econômica da região e do setor produtivo herdados dos modos de produção arcaicos da colonialidade. Garcia Jr. e Grynszpan (1999) registram que a consolidação do plano nacional de industrialização dependia da dissolução dos vínculos com as formas pré-capitalistas presentes nas grandes lavouras. Dito de outra forma, a modernização da estrutura agrária representava uma condição fundamental à implantação do Estado Moderno no Brasil e à consolidação de um espaço público verdadeiramente democrático.

O Nordeste, que até então era o maior produtor de açúcar do país, se viu mergulhado numa crise sem precedentes decorrente do descrédito internacional sobre o açúcar produzido na região e sua conseqüente perda de mercado para o açúcar de beterraba europeu (Matias, 2010). Como dissemos, tal situação tinha como uma de suas principais causas os modos arcaicos de produção, consideradas suas técnicas já obsoletas, pois valiam-se de instrumentos rudimentares como enxadas e foices, além da dependência de mão-de-obra escrava para o plantio e colheita em um momento de profundas transformações para a agricultura brasileira, onde o *trabalho escravo* estava sendo substituído pelo *trabalho livre*.

No entanto, ressalte-se em paralelo que parte considerável dos antigos escravos iria manter-se nas terras de seus antigos senhores, passando da condição de servilismo a de assalariamento, permanecendo, agora, como mão-de-obra barata e abundante para a exploração canavieira. A permanência nas terras dos *senhores* após a abolição da escravatura será um fator de continuidade do poder de comando daqueles, mesmo nos casos em que tenham ascendido à condição de usineiros. Para Garcia Jr. (1989), a categoria *morador* implica numa relação de sujeição, e uma forma de dependência específica é gerada no vínculo que vê na *morada* não apenas a garantia do cumprimento de trabalhos, mas também a estrita fidelidade ao patrão.

Vale ainda salientar que, além das causas mencionadas mais acima, a crise da produção açucareira no nordeste brasileiro e, preferencialmente, na cidade de Santa Rita, deveu-se igualmente à produção do açúcar antilhano desde meados do século XVII, fato que afetou

gradativa, mas drasticamente o desempenho do sistema açucareiro na região. Matias (2010) acrescenta, ainda, o fato desta crise ter sido intensificada devido ao contexto global de redefinição do centro hegemônico de poder econômico e significativa redução do poderio de Portugal como potência colonial.

Este mesmo autor destaca pelo menos três consequências desse intuito de modernização emergencial: a primeira delas diz respeito à expansão das terras devido à crescente necessidade de cana para moer; paradoxalmente, a segunda aponta para um significativo incremento no grau de concentração da propriedade fundiária: ao mesmo tempo em que a área destinada ao plantio se expandia, o número de proprietários se reduzia. Assim como aconteceu com a Usina São João, uma única usina poderia incorporar vários engenhos adjacentes, centralizando ao mesmo tempo a terra e a produção. A terceira consequência refere-se à difusão das relações de trabalho baseadas no assalariamento e, portanto, mediadas por leis trabalhistas.

Devido os incentivos estatais para fins de modernização e de incremento da produção açucareira, o Engenho Central São João representava a chegada definitiva do capitalismo industrial na zona rural da freguesia de Santa Rita. Embora um retardatário na corrida pelas concessões de engenhos centrais, esse estabelecimento fora sobremaneira beneficiado pela presença em suas terras da via férrea Conde d'Eu, garantindo, dessa forma, o rápido transporte e distribuição de sua produção nas casas comerciais e armazéns da região (Santana, 1990).

Está claro que os engenhos centrais significaram o esforço administrativo de modernização e superação dos métodos insatisfatórios no fabrico do açúcar. Contudo, a separação entre a atividade agrícola (o plantio) e a fabril (fabricação do açúcar), demanda que surge com a implantação dos *engenhos centrais*, e estes como um empreendimento conjunto entre as capitânicas de Sergipe e Paraíba, representou um fator prejudicial a sua continuidade, pois, resultou em uma queda no plantio de matéria-prima. Tal como se deu por toda parte, a consolidação do Engenho Central São João tornara-se inviável, inclusive, devido às dificuldades para investimento estatal e impossibilidade de cumprimento dos prazos impostos pelo governo imperial para sua conclusão (Targino, 1997).

Contudo, ainda que estabelecido tardiamente, o Engenho Central São João representou a chegada do progresso na região açucareira da Província da Paraíba e, dessa forma, estabelecera as bases, já em 1888, do que viria a ser a Usina São João, isso dois anos antes de Santa Rita ser elevada à condição de vila pelo futuro Presidente Venâncio Neiva. Somente no ano de 1914 os Ribeiro Coutinho vieram a tomar posse dessa estrutura, comprando a Usina São João. Antes da metade do século XX, essa família detinha a propriedade das três

principais usinas sediadas na região, vindo a incorporar ainda outras unidades fabris a seu patrimônio.

A transformação dos engenhos centrais em usinas representou a transição do modelo de sociedade rural para o de sociedade urbana (Silva, 2006), trazendo em seu bojo profundas mudanças no espaço agrário do município, bem como ocasionou uma reorganização no sistema açucareiro.

Não obstante o Povoado Engenho Central tenha continuado a existir com todas as características de uma comunidade rural, com o tempo, suas bases relacionais de trabalho foram sendo reorganizadas, pois, como aponta Garcia Jr. (1989), o mercado de trabalho industrial sob bases jurídicas é capaz de proporcionar uma “experiência urbana” aos indivíduos provenientes de zonas rurais: não só as condições de trabalho estão racionalmente postas à disposição das partes num contrato que implica em direitos e deveres mútuos, mas o universo do trabalho industrial pode operar uma transformação nas consciências ao fazer os trabalhadores perceberem que têm direitos assegurados por lei.

Diferente do engenho, a *usina* é um ambiente de trabalho mais cosmopolita, pois atrai trabalhadores de diferentes procedências, e estes, por sua vez, misturam-se aos empregados residentes na própria comunidade ou nas cidades e bairros adjacentes. Dessa forma, a modernização das usinas implica, também, na flexibilização das relações de trabalho. Os bóias-frias ou volantes, também chamados de safristas, representam a mão-de-obra a ser empregada nos períodos de safra ou sazonais. Geralmente, esse trabalhador assalariado temporário é dispensado das atividades ao fim da moagem. Por outro lado, o trabalhador permanente, aquele que vive nas terras ou em vilas construídas pelo usineiro, representa a garantia da mão-de-obra diária e imprescindível à manutenção do sistema com fins de evitar a evasão do trabalho.

Ainda que não seja matéria de nossa pesquisa a questão trabalhista, queremos enfatizar que a simples presença do estabelecimento *usina* em um dado contexto rural é suficiente para operar transformações em vários níveis e setores da vida social.

Moreira e Targino (1997, apud Silva, 2006, p. 20) põem em relevo os reflexos dessas transformações sobre a questão da distribuição das áreas cultiváveis e seus desdobramentos visuais na paisagem litorânea como um todo. Para eles, essas “indústrias do açúcar”

[...] De um lado, representaram um progresso técnico para o setor açucareiro, permitindo mudanças qualitativas no produto final, com a transformação do açúcar mascavo em açúcar centrifugado. De outro, contribuíram para a intensificação da concentração da propriedade da terra e da produção.



Figura 1. Usina São João.
Fonte: Acervo Luiz Carlos Cunha.

Durante os anos 1930, a Companhia Usina São João fora especialmente beneficiada pelas políticas do governo progressista de Argemiro de Figueiredo, quando incrementou seu arsenal produtivo e influência na região ao incorporar ao seu patrimônio pelo menos mais outras duas usinas, além de vários engenhos.

Nos anos seguintes, seu predomínio na economia açucareira da região havia já ultrapassado os limites do município de Santa Rita, passando pelas terras rurais de Cruz do Espírito Santo, chegando ao município de Sapé, onde os Coutinho compraram a Usina Santa Helena, hoje inativa (Santana, 1990).

No entanto, do ponto de vista do capital, agora devidamente representado na figura do usineiro, tantas transformações tinham menos importância se comparadas com a preocupação prioritária em inovar as técnicas de produção e modernizar as instalações para efetivar a ampliação do processo de fabricação.

2.2 O Povoado Engenho Central: o centro de uma grande cidade imaginária

Um breve percurso empírico/teórico é de suma importância para que nos situemos no contexto desta pesquisa, pois, o Povoado Engenho Central, embora conserve o nome do engenho que o originou, apresenta todas as seguintes características em um só aglomerado de vilas relativamente próximas umas das outras, habitadas por famílias de antigos funcionários da usina ou por grupos de empregados que estejam eventualmente a serviço desta em virtude do período de moagem.

Como analisa Souza (1996, apud Amarante, 2009), as dimensões territoriais somadas à população permanente e sazonal fazem com que a Usina São João possa ser comparada a uma típica cidade nordestina de médio porte. Pelo menos dois de nossos entrevistados vislumbram em suas lembranças as macro dimensões da Usina São João comparando-a a uma cidade em projeções como estas: “Porque a Usina São João [...] era uma cidade. Tinha muita casa, muito morador” (seu Vinícius – 98 anos); “[...] e eu morei na usina. Todo canto que meu pai andou por aí, município de Usina São João” (dona Júlia – 80 anos)⁶.

⁶ Entrevistas realizadas respectivamente nos meses de setembro e dezembro de 2016.



Figura 2. Centro do povoado Engenho Central.
Fonte do autor. Maio, 2016.

A extensão de suas terras é hoje de 16.000 hectares, sendo 9.000 hectares (56,25%) empregados no plantio da cana, enquanto 4.600 hectares (28,75%) são de reserva florestal nativa. O arsenal produtivo da fábrica consta da evolução de um patrimônio que teve o apadrinhamento de políticas estatais de investimento quando de sua fundação. Seu incremento tecnológico ao longo do

século XX teve impactos significativos tanto na paisagem natural quanto na transformação desse espaço físico no seu entorno, o Povoado Engenho Central, o centro de toda vida social, política, cultural e econômica da Usina São João.

O Povoado Engenho Central é composto das vilas próximas à Usina como a Rua da Estação, Rua da Avenida, Rua da Ilha, Rua da Igreja Velha, Rua da Igreja e Fazenda Central⁷.



Figura 3. Vila Operária.
Fonte do autor. Outubro, 2016.

Um pouco mais afastada, mas não menos importante, está a Vila Operária e suas ruas ladeadas de casas geminadas. Esta é a maior concentração de habitações populares oferecidas pelo usineiro, e situa-se num planalto em meio à mata e às plantações de cana. Das dez entrevistas, quatro foram realizadas

com idosos residentes na Vila Operária.

Voltando ao centro do povoado, suas ruas e vilas são contempladas com a proximidade a dois prédios que, embora sejam de propriedade do usineiro, prestam serviços públicos oferecidos conjuntamente pela empresa e pelos poderes públicos municipal e estadual, a saber, o posto de saúde e a escola.

⁷A origem desses nomes nos é desconhecida. Contudo, podemos afirmar que são nomes populares geralmente atribuídos a algum ponto de referência como, por exemplos, a Estação ou a Igreja Velha. Para os Correios de Santa Rita, estas ruas são identificáveis apenas por seus nomes populares, deixando, assim, de ser contempladas pelo serviço postal, tendo os moradores que se deslocarem até à agência em Santa Rita para receberem suas correspondências.

Tanto o posto de saúde quanto a escola funcionam diariamente e sua gerência é mista, ou seja, são administrados por funcionários das duas instâncias, pública e privada. Mais



Figura 4. Posto de saúde.
Fonte do autor. Maio, 2016.

especificamente, os serviços de saúde são ofertados no mesmo ambiente, e estão divididos entre duas equipes distintas, uma de Saúde da Família, portanto, voltada à população em geral, enquanto a outra é responsável pela Saúde Ocupacional, ou seja, dos funcionários da Usina.

Por sua vez, a escola funciona num prédio antigo, o qual já constava de um censo escolar das instituições de ensino públicas e privadas de Santa Rita referente ao biênio 1933/34 (Santana, 1990). Situada na mesma rua do posto de saúde, atualmente tem capacidade para 800 alunos, ofertando ensino desde a



Figura 5. Escola do povoado.
Fonte do autor. Maio, 2016.

educação infantil até a primeira metade do ensino fundamental. Segundo Amarante (2009, p. 108) - e isto é confirmado pelo informante L.A. - “para concluir o ensino fundamental II e Médio é necessário estudar nas escolas do centro de Santa Rita ou de outro município vizinho”.

Em 2009, ano da pesquisa de Eduarda de Lima Amarante, em todo o território havia um total de 780 casas pertencentes à Companhia. Destas, 200 situavam-se à época na sede, ou seja, nas vilas do Povoado Engenho Central. Por sua vez, as demais moradias encontram-se espalhadas pela vastidão das terras a perder de vista, alcançando os municípios de Santa Rita, Cruz do Espírito Santo e Sapé.

Para além do povoado, a Companhia Usina São João possui algumas fazendas e sítios dotados de uma infraestrutura mínima como escolas, igrejas, galpões e alojamentos coletivos. Como dissemos, são comunidades e casas isoladas em vilas e povoados distantes. Na época da pesquisa de Amarante estas habitações eram cedidas pela usina enquanto o morador/trabalhador estivesse a seu serviço: “Os trabalhadores moram em casas cedidas pela usina, portanto, quando são demitidos ou aposentados precisam sair da casa para que outro



Figura 6. Vila de casas na Rua da Igreja.
Fonte do autor. Maio, 2016.

contratado tenha a possibilidade de residir” (2009, p. 107). No entanto, nosso trabalho de campo em 2016 nos permitiu constatar mudanças quanto à concessão do benefício-moradia, pois, alguns de nossos entrevistados continuam a residir gratuitamente nas casas mesmo depois de aposentados, ou sem ter qualquer parente trabalhando para a Companhia.

Contudo, é recorrente o ato de demolição de algumas casas quando seus ocupantes as deixam ou são demitidos. Às vezes isto ocorre devido às precárias condições em que se encontram depois de um longo período de uso. No entanto, esta ação é quase sempre motivada pelo intuito de ampliar a área do plantio de cana. Pelos motivos expostos, isto pode acontecer com uma ou várias casas ao mesmo tempo e, dessa forma, pode resultar na extinção de comunidades inteiras. Aqui, acreditamos oportuna a transcrição de um trecho de nosso diário de campo acerca do completo desaparecimento de uma dessas comunidades, a “Volta do Quimba”. O relato é totalmente baseado na familiaridade particular que temos com o lugar, além de apoiar-se em observações e informações de moradores:

“Muitas famílias foram embora e tiveram suas casas derrubadas para dar lugar ao plantio de cana-de-açúcar [...] Um bom exemplo disso é a história recente de um dos povoados agregados da Usina: a Volta do Coimbra, que os moradores da região chamam de “Volta do Quimba”, fora completamente subtraída da paisagem enquanto comunidade. Informantes dão conta de que lá havia cerca de 22 casas, mas que agora já não existe nenhuma; que a área está sendo isolada, e que muitas das famílias que ali viveram durante anos mudaram-se para a área urbana próxima [...] O partido de cana tomou conta daquela paisagem por completo, tanto é que os ônibus deixaram de circular pela Volta do Quimba, que era uma importante via de acesso [...] A Volta do Quimba é uma extensa área verde, onde outrora havia muitas árvores frutíferas, que também foram derrubadas em grande parte, em especial as mangueiras” (Diário de campo, 05/05/2016).

A água consumida nas comunidades distantes provém de poços, enquanto nas vilas próximas à usina há o abastecimento de água encanada garantido por sistema próprio através de um poço da empresa. Em ambos os casos, esta água é fornecida gratuitamente. Todas as

casas populares da Usina São João têm o teto de telha vã, as paredes são feitas de tijolos e o piso de cimento. As construções têm em média cinco cômodos (Amarante, 2009).

Num breve passeio por esses arredores, podemos observar que se formam pequenos roçados em volta das casas ermas, isto é, nas casas dispersas aqui e ali, sem contiguidade a outras. A esse respeito, é Amarante (2009, p. 106) quem novamente nos esclarece que “em volta das casas há um espaço de meio hectare de terra, onde os moradores podem plantar”. Tendo sido outrora um aglomerado de pequenas propriedades que se anexaram ao patrimônio do usineiro, recorremos a Garcia Jr. (1989), o qual assinala que tal configuração seria uma herança dos engenhos, pois, a *morada* compreende não apenas o *teto*, mas se estende ao pequeno terreno em volta da casa, concedido pelo *senhor* para o trato de culturas temporárias (o *roçado*) e criação de animais para autoconsumo como galinhas e porcos.

Durante as décadas de 1950/1960 a usina passou por reformas que, em muitos aspectos, foram determinantes para a configuração da paisagem atual de suas instalações, bem como contribuíram para mudanças marcantes em seu perímetro. A implantação de duas destilarias, uma no período em questão e a outra já nos anos 1980, elevou a empresa a condição de exportadora de açúcar demerara e álcool voltado para a indústria farmacêutica e hospitalar no ano de 1986. Com a ampliação de sua unidade fabril e impulsão da produção vieram também os primeiros sistemas de irrigação em sua área agrícola nesse período.

A partir das histórias que colhemos, veremos que este foi um tempo de profundas modificações na vida da comunidade, pois, com a expansão da fábrica, o centro da vida social, os arredores da “esplanada da usina”, foi afetado pelo avanço das ferragens, tornando este um setor de risco e, por conseguinte, uma área de acesso restrito.



Figura 7. Ruínas da Estação do Engenho Central.
Fonte: Acervo Luiz Carlos Cunha.

Outrora fizeram parte do sistema de exploração agrícola da usina a Estação do Engenho Central e a linha férrea que serviam de suporte aos trens transportadores de cana. Sua inauguração data de 28 de dezembro de 1883, sendo um empreendimento da Conde D’Eu Railway Company Limited. Em 1976, a Estação do Engenho Central serviu de locação

para o filme “Fogo Morto⁸”, embora sua aparição no filme seja quase imperceptível. Nos anos 1990 a Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA) desativou a estação. Atualmente, mal se consegue ver suas ruínas, devido ao fato do mato denso tê-las envolvido (Estações Ferroviárias do Brasil, 2007).

Por estar mais próxima e ser um núcleo rural de Santa Rita, a Usina São João é servida de uma linha de ônibus coletivo, a qual realiza um total de seis viagens diárias entre o centro e



Figura 8. Estrada de barro no canavial.
Fonte do autor. Outubro, 2016.

o povoado sob precárias condições, tanto do ponto de vista da qualidade do transporte como do acesso. Todas as vias de acesso ao povoado são ainda estradas de barro a abrir caminho por entre os canaviais.

O centro da vida econômica, política, cultural e religiosa da comunidade, o “coração” do Povoado

Engenho Central, é a “esplanada da usina”, conforme se referem alguns sujeitos da pesquisa. Este *arraial*, no sentido sugerido por Costa e Macedo (2010)⁹, foi (e ainda é) palco dos principais acontecimentos culturais do povoado, tendo abrigado por muitas décadas dentro de



Figura 9. Casa-Grande da Usina São João.
Fonte: Blog do Mago.

seus limites um pequeno circuito de entretenimento, eventos culturais e casas comerciais.

Na verdade, a configuração da “esplanada da usina” é outra herdade dos antigos engenhos, pois, a justaposição das construções conforma o arranjo de poder cujo centro era o *senhor-de-engenho*. Com base nas terminologias de Garcia Jr. (1989), passamos a uma breve

⁸ Direção: Marcos Faria; produção Miguel Borges. Brasil, 1976, (88 min.)

⁹ Praça central dotada de sentido festivo-religioso, geralmente situada de frente ou muito próxima a uma igreja católica.

descrição deste microespaço sobre o qual se voltam muitas das lembranças dos idosos por nós entrevistados: a antiga *casa-grande*¹⁰, outrora símbolo máximo do poder dos *senhores*, está erigida sobre um elevado que, não fossem algumas árvores à sua frente, proporcionaria uma visão ampla e privilegiada do povoado a quem nela residisse; diante dela encontra-se o grande pátio, cujas extremidades abrigam dois outros marcos simbólicos da *dominação tradicional*¹¹, a saber, a usina e a capela, uma de frente para a outra, sendo que a usina tem relação de contiguidade com a *casa-grande*, como se fossem vizinhas¹². Do outro lado da *casa-grande* tem-se uma outra, mais conservada, sendo de menor porte, onde antes funcionou um escritório. Em contraste com a imponência desses casarões, uma vila de pequenas casas geminadas para moradores aparece ao lado da capela¹³, compondo a “Rua da Igreja”. Além da



Figura 10. Esplanada da Usina.
Fonte: Acervo Luiz Carlos Cunha.

escola ainda existente nas proximidades e dos partidos de cana que resistem ao tempo, existiu ali um barracão, bem como outros estabelecimentos que serviram como garagem, sede esportiva, cinema, barbearia, etc.. No meio de todo este complexo, o grande pátio aparece como o espaço destinado aos principais rituais da vida pública

como festas e eventos religiosos, a “esplanada da usina”. O que ali deixou de existir continua vivo nas lembranças dos idosos por nós entrevistados, conformando a configuração exposta por Garcia Jr. de uma típica propriedade de engenho.

A capela a qual nos referimos é a de São João Batista, o santo patrono da usina que carrega seu nome. É ela o símbolo máximo da religiosidade católica que durante décadas esteve presente de forma indelével na vida das várias gerações de famílias que ali se constituíram, chegaram ou passaram. A riqueza de detalhes e motivos clássicos em seu

¹⁰Reforçando ainda mais a concordância com o texto de Afrânio R. G. Júnior, consta para nós que a *casa-grande* (ou casarão) funcionou como residência dos *senhores* dessas terras, os membros da família Ribeiro Coutinho, além de hospedagem para seus visitantes ilustres. Tendo sido atingida por um grande incêndio, funciona hoje, apenas, como vestuário dos funcionários da Companhia.

¹¹Segundo Garcia Jr. (1989), a forma específica de dominação personalista exercida pelos grandes *senhores-de-engenhos*.

¹²De acordo com o texto de Garcia Jr. (1989), era o *engenho*, e suas engrenagens, que mantinha relação de contiguidade com a *casa-grande*. A configuração que se observa na “esplanada da usina” nos permite inferir que a usina e seus maquinários desempenham função simbólica semelhante a do *engenho* e suas moendas.

¹³Vide Figura 6.

interior, sua mobília, suas imagens sacras e arquitetura fazem desse templo uma das mais importantes relíquias do patrimônio histórico e cultural paraibano. Atualmente, encontra-se interditada pela paróquia de Santa Rita, a cuja jurisdição pertence, devido a comprometimentos em sua estrutura. Rachaduras, infiltrações e outros problemas verificados pelas autoridades eclesiásticas põem em risco a saúde e mesmo a vida dos católicos do lugar. Temendo o pior, católicos praticantes, juntamente com padres e missionários, à época da pesquisa, reuniam-se nas casas dos fiéis para celebrações e liturgias.

Há nesse momento um impasse entre a Igreja e os proprietários das terras quanto ao futuro e preservação da Capela. Não são poucos os rumores acerca da relutância desses últimos em permitir que a Diocese, em conjunto com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), possam interferir no processo de restauração e preservação do templo. Apesar de seu valor histórico e artístico, o historiador santarritense Siéllysson Francisco da Silva (2007, p. 63) deixa claro que

A Capela em estilo Eclético com predominância Neoclássica que todos conhecem da Usina São João é uma construção recente do início do século XX. Período este de modernização das fábricas de açúcar, onde os engenhos se transformaram em usinas. A Usina São João fora no passado o Engenho São João Batista e posteriormente o Engenho Central, que moía para outros engenhos; deteve poder e prestígio durante muito tempo. Sua principal capela, entretanto, não é do período do engenho. Mesmo que não houvesse a data de fundação, saberíamos pelo estilo arquitetônico.



Figura 11. Capela de São João Batista.
Fonte: Acervo Luiz Carlos Cunha.

Ademais, todas as construções existentes nas terras da Usina São João, mesmo as casas de famílias, galpões antigos, alojamentos, *casas-grandes*, alpendres, telhados, calçadas, fachadas, podem ser consideradas antigas do ponto de vista da forma, da estética, da matéria com que foram construídas e do tempo que perduram. No Povoado Engenho Central, com exceção talvez do posto médico, o qual sofreu uma reforma em 2005, ganhando estrutura e aparência mais contemporâneas, tudo que se vê ao redor que tenha sido erigido pela mão do homem guarda e exala um espírito de antiguidade, tão pitoresco quanto à simplicidade que salta da vida social, a qual se torna logo evidente quando dos “encontros” com suas histórias de vida.

3. “AQUI ERA MESMO QUE UM CÉU”: TEMPO DE ORDEM, TRABALHO E FESTA NAS MEMÓRIAS DE VELHOS DO POVOADO ENGENHO CENTRAL

As próximas páginas expõem as memórias de dez idosos com idades entre 74 e 98 anos, e foram colhidas entre setembro e dezembro de 2016, sendo a maioria delas no Povoado Engenho Central (Usina São João) na cidade de Santa Rita, o *lócus* principal para onde fluem tais lembranças. Foram contadas na forma que privilegia a *história oral* a partir de um ponto de vista do *dominado*, em contraposição à visão do *dominador*. Através delas, nos propomos à construção de um quadro panorâmico que nos permita recortar e compreender um momento da história do Brasil rural em meados do século XX, colocando em tela aspectos socioculturais peculiares dessa vida comunitária local. De forma alguma temos a pretensão de generalizar esses traços para torná-los universais, tarefa impossível, tendo em vista os mais variados matizes que são definidores de uma pretensa *identidade cultural brasileira*.

Nossa seleção privilegia os trechos das entrevistas que se podem considerar mais representativos do grupo. Dessa forma, a ordem de apresentação das narrativas respeitará a ordem de realização das entrevistas, seguindo a seguinte sequência: dona Eduarda, seu Vinícius, dona Benedita, seu Orlando, dona Valentina, dona Lena, dona Alicia, seu Braz, seu Felício e dona Júlia, de modo que as representações destes personagens estarão sendo apresentadas em constante revezamento, a cada categoria em aberto¹⁴.

Conforme assinalamos em momento anterior, quatro entre os idosos participantes da amostra não são nascidos nas terras da Usina São João. Além do vínculo geracional, o que os une nesse trabalho é o fato desses idosos migrantes terem vivido mais da metade de suas vidas no povoado, portanto, por terem partilhado do mesmo universo de referências e símbolos dos idosos nativos. Dissemos também que as festas do povoado constituíram nossa motivação inicial como tema de pesquisa até antes dos “encontros” definitivos com a alteridade. Por um feliz “acidente”, as entrevistas acabaram por nos proporcionar um mergulho ainda mais fecundo do que imaginávamos no cotidiano pretérito dos *sujeitos*.

Dessa forma, sobressaíram-se três categorias principais que serão trabalhadas nessa ordem: *tempo*, *trabalho* e *festas*. Respectivamente, as subcategorias *passado/presente*, *regras/dominação* e *sagrado/profano*, serão incorporadas àquelas em suas relações lógicas de afinidade; exercício de abstração que, no entanto, não pretende isolar essas dimensões umas das outras, pois, uma vez mais, reconhecemos a carência de um estudo de caso mais aprofundado sobre este contexto social.

¹⁴ Apenas dona Lena e seu Orlando não aparecem nas categorias *tempo* e *festas*, respectivamente.

Intencionamos, sempre que possível, lançar sobre suas falas o olhar teórico encontrado em diversos estudos afins, articulando-os com as categorias e os aspectos culturais em aberto, bem como nos permitimos, após cada exposição, tecer breves considerações contextuais embasadas em nossa experiência de campo.

Antes, porém, gostaríamos de lembrar do modo peculiar pelo qual se comunicam nossos interlocutores. Como igualmente frisamos em outro momento, apesar de seu modo de falar não está tão “distante” do modo de falar do pesquisador, há que se levar em conta, para que nada da leitura se perca, certos modos de inflexão, atributos de significado, usos locais como a constante falta de plural, entre outros. Para tanto, e em definitivo, valemo-nos das palavras de Ecléa Bosi sobre os idosos por ela entrevistados (1994, p. 38):

Gostaria que se compreendessem os limites que os narradores encontraram. Faltou-lhes a liberdade de quem escreve diante de uma página em branco e que pode apurar, retocar, refazer [...] E eles encontraram também os limites de seu corpo, instrumento de comunicação às vezes deficitário.

3.1 Da dimensão do tempo

Os sistemas sociais de mensuração do tempo constituem uma forma de representação que visa ordenar a vida societária e suas múltiplas faces onde se entrecruzam as noções de passado, presente e futuro. Nessa seara, estamos em consonância com Barbosa quando esta diz que “Em todas as sociedades, sejam elas primitivas, tradicionais ou modernas, uma das funções primordiais da noção de tempo, seja este qual for, é a ordenação da realidade” (1984, p. 3). Ao mesmo tempo cíclico e contínuo, o tempo pode ser concebido de várias formas, a depender dos tipos concretos de associação. Há o tempo pragmático do *aqui/agora*, que se ocupa da reprodução da vida através da repetição diária das ações necessárias à manutenção das estruturas consagradas; expressa-se, por exemplo, na atribuição de horários aos diferentes papéis os quais temos que desempenhar todos os dias¹⁵; é o tempo *não-épico* do calendário atual, do cumprimento de tarefas e compromissos que a cada um cabe efetuar. Gostaríamos, entretanto, de ater-nos especialmente ao *tempo* que nos permite voltar a ele como caçadores de tesouros esquecidos, na busca pela (re)afirmação de seu sentido exemplar de completude, aquele *tempo* que desperta em nós o sentimento a que chamamos *nostalgia*; este é o tempo mítico que, embora tenha se cumprido e deixado sua herança, se faz presente sempre que escutamos alguém dizer “Era uma vez...”, ou “Houve um tempo...”, ou ainda “Naquele tempo...”. Por comparação, o *narrador* costuma contrapor o *antes* e o *depois*, o *antigo* e o

¹⁵ Segundo Mónica Franch e Márcio Ferreira de Souza (UFPB), os estudos sobre o tempo desenvolvidos com maior ênfase a partir da década de 1980, têm se tornado um recurso temático de fundamental importância na caracterização e compreensão do cotidiano e das temporalidades próprias da sociedade industrial e sua centralidade no mundo do trabalho.

novo, o como era e o como é, muitas vezes na busca por encontrar os nexos possíveis, ou, o que parece ser mais recorrente, suas contradições.

Dona Eduarda:

De quando eu cheguei ali na usina pra agora tá muito diferente! Era *uma* usina quando eu cheguei aqui, era muito divertido. Ali, naquele posto era um lugar que tinha muita casa... porque botaram tudo abaixo. Tinha feirinha no sábado; tinha festa de Natal, festa de Ano, festa de Reis, pastoril... tinha um hotel que a mulher fazia festa lá; tinha a sede... quando era tempo de carnaval, tinha escola de samba, tinha tudo. Olhe, agora inté a igreja católica tão deixando cair... que o padre tá celebrando a missa acampal, porque dentro tão vendo a hora ela arriar de uma vez. **(Entrevista, 13/09/2016)**

Logo de cara percebe-se que a usina tem para dona Eduarda um significado que engloba todo o povoado e não apenas a fábrica. A usina está representada em cada um dos prédios que ela viu de pé, assim como no movimento das festas e nas atividades comerciais. Tudo isso era a usina, já que esta “era *uma* usina” quando ela por lá chegou. Por fim, ‘apesar de terem botado tudo abaixo’, a imagem da igreja, ainda de pé, serve-lhe como elo com o passado para apontar o atual descaso com o patrimônio, como quem sugere um apelo para que a capela não seja a próxima a vir ao chão. Católica, a capela de São João Batista representa-lhe uma referência central fundamental que, ao lado da usina, é responsável pela vida pulsante que ali existiu.

Seu Vinícius:

A Usina São João era uma cidade, tinha muita casa, muito morador, tinha muita família. Tudo já tinha se casado, vivia lá nas suas casa; era um mói de casa, *assim...* e o dono chegou lá e botou todas as casa abaixo, e muita gente que não quis se a assujeitar ele deu lá uma mixaria e mandou tudinho ir procurar...

Não tinha folga, a folga era essa: Nós trabalhava até na sexta-feira, no sábado ninguém ia trabalhar porque todas as feira das cidade era no sábado. Domingo não tinha nada em canto nenhum. Aí trabalhava até na sexta, no sábado de manhã recebia o dinheiro e corria praquelas feira que tinha. Não tinha essa história de trabalhou, amanhã é de folga, é dia santo... não tinha esse negócio não. Era o tempo da *morosa*. Quando era de noite, cada um fazia de tudo pra estar nas suas casinha, deitado ou na sua redinha velha ou na sua caminha de vara. Ia pra mata, cortava um bocado de vara bem certinha, raspava e fazia uma cama.

Eu não vou na usina, mas eu sei que está acabada. E *o homi com a cara baixa não levanta não!* Eu gostaria de voltar se eu adquirisse meu sítio, hoje mesmo eu ia mimbora pra lá, cuidar da terra. Terra boa de trabalhar, de lavoura... Meu sítio tá lá, dentro das terra deles, ficou lá sem dono; eu sei por onde é, mas agora eu acho que... agora é tarde! Só que o governo federal desse um destino pra quem tivesse alguma coisa dentro da terra de gente rica, tomar, pegar... Era um mundo! Vinte e um pé de coco. Quando dava coco, chega rangia de noite, eu dormia um soninho, me acordava com aquilo; tinha jaqueira, tinha uma carreira de pé de manga; eu plantava inhame, dava... espia os inhame, espia! **(Entrevista, 21/09/2016)**

Seu Vinícius é o mais velho dentre os participantes dessa pesquisa. Ele começa nossa conversa auto-afirmando sua velhice com orgulho, reforçando seu pertencimento à Usina São João desde quando esta ainda era engenho. Nas suas lembranças a usina tem as dimensões geodemográficas de uma cidade, pois, dentro de seus limites famílias inteiras viviam e

interagiam até o ponto de estabelecerem vínculos parentais sólidos entre si dentro de um espaço físico partilhado em regime de comunidade. Aqui também a usina não é representada apenas como um amontoado de engrenagens, mas significa um todo social dotado de sentido para o *narrador*. Folgas e horas vagas são para seu Vinícius ideias incompatíveis com o “tempo da morosa”, termo do qual se vale para sintetizar todo um conjunto de dificuldades enfrentadas por sua geração. Ainda assim, o sonho de reapropriação de seu antigo pedaço de chão suscita-lhe imagens carregadas de nostalgia. Sendo um dos quatro entrevistados que hoje residem fora da usina, seu Vinícius, assim como outros que ainda se encontram nas terras, tende a manifestar essa “nostalgia da terra”, da terra enquanto solo de cultivo, enquanto fonte de recursos e fartura.

Dona Benedita:

No meu tempo, na minha infância tinha muita casa, depois o povo foi saindo e o povo foi botando no chão, as casa foi se acabando. Só sei que Saboeiro já se acabou. De lá a gente se mudou aí pra Volta do Quimba, foi em 69... parece que foi... e da Volta do Quimba eu tô aqui. A Volta do Quimba botaram as casa toda no chão também, né... Pois bem, só ficou eu lá, só tinha minha casa dentro da cana; aí, o administrador botou eu praqui.

Nesse tempo não tinha aqueles troço tudo ali não, era tudo vago, era plano como se fosse um campo, né... Tinha as barraca do lado de cá e a igreja desse lado, a igreja ainda hoje tem. A festa era ali naquele meio. Tinha o barracão, pra lá do barracão tinha mais umas casa, mais na frente o posto, pra cá mais tinha um tal de um *cabocó*. O *cabocó*, eu vejo o povo falando que era de botar gente dentro; eu mesmo nunca frequentei não. Mas acabaram com isso. Hoje em dia é troço por cima de troço, eles botaram tudo no chão, né... Botaram o barracão, botaram as casa, as barraca... botaram tudo no chão. Acabaram. (Entrevista, 29/09/2016)

Sendo mais uma que nasceu alhures, dona Benedita percorreu distâncias e se estabeleceu em vários lugares dentro das terras dominadas em diferentes fases de sua vida. Um aspecto interessante de sua mobilidade intraterritorial é a derrubada das casas em momento posterior à sua saída. Sua narrativa parece ligar-se à de seu Vinícius nesse ponto, ou seja, na afirmação de que, com o avançar dos anos, antigas e novas comunidades foram extintas e transformadas em terreno de plantio. Percebe-se nas entrelinhas que dona Benedita assistiu à derrubada das casas da Volta do Quimba enquanto a sua seguiu sendo poupada até o último instante, fazendo com que ela se reconheça como a última moradora da região a deixar sua casa. Ainda nessa relação tempo/espacial, ao dirigir suas lembranças para a “esplanada da usina”, depois de descrever com riqueza de detalhes a organização das construções, ressalta as mudanças ali ocorridas por força das conveniências econômicas.

Seu Orlando:

Do meu conhecimento a Usina São João era um engenho, Engenho Central, antes de passar a ser usina. Ela passou a ser usina em 1888. Essa usina, que era engenho na época, comprou isso aqui, aí passou a ser Usina São João. Era os Engenho Munguengue, Usina Patrocínio, Engenho Vigário, a Igreja Velha, que era chamado

de Engenho Velho; tinha Oiteiro, engenho também... parece que a casa velha não tem mais lá não, já botaram abaixo não foi?

Meu amigo, isso aqui foi uma felicidade, era mesmo que um céu, a gente aqui passava muito bem! Naquele tempo se chamava o *barracão*, hoje é mercearia. Aqui passou a ter até cooperativa, era na frente da usina. Era uma casa grande. Tinha muita coisa pra vender, até verdura vendia, carne-verde, peixe, tudo vendia. Na frente da usina, a cooperativa. E a gente morador, trabalhador, comprava lá. (Entrevista, 07/10/2016)

Seu Orlando refaz a genealogia territorial da Usina São João em narrativa repleta de referências locais como os nomes dos antigos engenhos que, com o tempo, vieram a se anexar ao patrimônio fundiário da empresa, além do ano de sua fundação. Novamente o elemento destrutivo das *derrubadas* é posto em evidência. Em contrapartida, o passado surge numa visão otimista de um tempo de fartura cujos provedores eram os famosos armazéns e bodegas, também chamados de *barracões*. Todavia, sabemos por intermédio de Garcia Jr. (1989) que a presença unitária dessas casas comerciais junto a terras de *senhores-de-engenhos* refletiu a intenção paternalista de manter os moradores dentro dos limites das terras, criando nestes a impressão de que as possibilidades de sobrevivência seriam mínimas caso pensassem ou decidissem retirar. Isto parece está implícito quando seu Orlando acentua “E a gente morador, trabalhador, comprava lá”.

Dona Valentina:

Quando a usina parava eles dava saco de açúcar. Agora... coitada, tá pior do que eu! Hoje a gente não pode nem dizer assim, “é uma usina!”. Ainda nem moeu. À época da moenda já tinha apurado muito açúcar. Daqui já saiu muito açúcar. Da época que eu tô aqui já venderam muito açúcar... acabada, coitada! Já tem semanas que não pagam ao pessoal, mas dão uma cesta básica. Aqui era muita usina! Todo mundo só corria aqui pra Usina São João. Mulher corria aqui pra Usina São João, pra trabalhar. Agora fracassou tudo. Não é só aqui. Eu acho que não é só aqui que tá fraco, na usina... eu acho que muitos canto também. (Entrevista, 07/10/2016)

Dona Valentina coloca o passado e o presente da Usina São João lado a lado, às vezes se referindo à empresa como se esta fosse uma pessoa fracassada. Também para ela esses *tempos* têm significados diferentes: no passado havia riquezas e a vida de todos era mais feliz, sendo que esta “felicidade” existia em função do sucesso da usina, pois, enquanto esta última manteve altos níveis de produção, o povo tinha emprego e acesso ao fruto do seu trabalho, como no caso do açúcar que era oferecido; da mesma forma, no presente, a visão de uma usina decadente também se estende à vida do povo que dela depende, empregados e seus familiares. Ao concluir supondo que a crise não seja exclusividade da usina, dona Valentina parece tentar explicar a situação local como reflexo de uma crise global.

Dona Alicia:

Por isso que eu digo a tu que essa usina foi a minha mãe! Chegou os meus dezoito ano eu me casei. Aí, é como eu digo a você, passei uns dois ano na beira da linha. Nesses tempo, os médico ia receitar a gente dentro de casa, era remédio de graça; a

farmácia era pegada ali com aquele ambulatório. Toda qualidade de remédio nós tinha, médico do bom... (Entrevista, 02/11/2016)

Um artigo publicado nos anos 1960 pelo Diário da Borborema (Novais, 1997, p. 40, apud, Melo e Silva, 2013, p. 7) prestigiava a família Ribeiro Coutinho pela qualidade da assistência prestada, na época, a seus moradores. Em oposição aberta às Ligas Camponesas, rezava o editorial: “[...] por maior que seja a assistência já adotada em algumas organizações (Ligas), nunca poderá se comparar ao que o industrial Renato Ribeiro Coutinho vem proporcionando aos seus trabalhadores” (grifo do autor) (Diário da Borborema, 19 de março de 1961). Sendo assim, não é à toa o sentimento filial expresso por dona Alicia em gratidão à usina por esta levar assistência médica até a beira da linha, onde morava, pois, o amparo institucional visava, entre outras coisas, manter o clima pacífico entre os moradores de modo a coibir possíveis dissidências.

Seu Braz:

Eu acho que a Usina São João hoje tá fracassada. É uma usina que acabou. Antigamente ninguém atrasava pagamento, num atrasava nada, era tudo certo, e hoje tá com esse atraso todinho. Ela hoje tá fracassada mesmo... tá acabada. Acabaro com os morador, acabaro com tudo! Eu sinto é a liberdade que eu tinha lá, né... Lá, eu tinha muita liberdade, vivia tranquilo. A gente largava, ia pra casa dormir, e ficava tranquilo, né... Ali era tudo que nem uma irmandade, os operário que nem uma irmandade. No outro dia nós amanhecia, ia tudo trabalhar, era tudo amigo. (Entrevista, 05/12/2016)

Seu Braz parece-nos sugerir uma noção de “morador” segundo a qual os “moradores” foram aqueles que viveram no povoado e usufruíam da atenção dos usineiros na forma de assistência, num tempo de liberdade no qual “era tudo tranquilo, que nem uma irmandade”. Hoje vivendo fora do território da usina, não vê nos que lá ficaram algo que os caracterize como “moradores”, pois que “acabaro com os morador, acabaro com tudo!” De fato, as últimas transformações observadas no povoado demonstram uma crescente evasão das terras, fenômeno que se acentua com a crise financeira por que passa a Companhia, quando, neste ano de 2016, muitos funcionários, alguns de longa data, estão se afastando da empresa ao mesmo tempo em que entram com ações na Justiça do Trabalho para reaver direitos básicos como salários, os quais estiveram atrasados por um tempo superior a quatro meses.

Seu Felício:

Sinto saudade das amizade da Usina São João e os festejo dali. Era muito bom. Era uma brincadeira sadia mesmo. Nós ia pra *brincadeira* e só saía no fim, de manhã, sem aborrecimento nenhum. A usina não tá mais aquela que era antes; tá fraca em moage, fraca em tudo... e a tendência dali é só o que o povo diz: “Vai fechar! Vai fechar!”; não tá mais dando aquele conforto aos operário; num tá pagando certo e a turma vai se revoltando, entendeu? Quando era os dono... os verdadeiro... nunca houve isso aí não, mas depois que os filho tomaro conta, tudo vai de água abaixo, todo mundo só tem que lamentar o que tá passando. (Entrevista, 05/12/2016)

A saudade dos amigos e dos festejos revelada por seu Felício vem acompanhada de um lamento pela suposta iminência de falência da empresa, e da lembrança de tempos mais generosos. A antiga e a nova geração de donos aparecem associadas, respectivamente, ao passado de glórias e ao presente de instabilidade econômica. Sua fala atesta o momento de profunda instabilidade institucional e torna patente a falta de recursos, humanos e materiais, para a manutenção das práticas culturais que por décadas marcaram a identidade sociocultural desta população, pois, suas festas tradicionais praticamente desapareceram na fumaça das queimadas da cana, restando hoje apenas o ciclo junino, resumidamente a noite de São João, comemorada em 24 de junho.

Dona Júlia:

A diferença de antes é porque tinha casa até... Minha casa já era a última pra chegar na usina. Ali, hoje, já num tem mais nada, botaram abaixo. Muito pé de fruta que cortaro, muito pé de manga... Ali onde eu morava, meu quintal tinha onze pé de manga, tinha seis pé de coco... aonde eu morava, ali, de frente ao ambulatório... e hoje num tem mais.

Só sinto muita falta porque aqui, já hoje aposentada, só pego dinheiro quando o governo manda, de mês em mês. Na usina eu vivia bem, todo sábado eu já sabia que era dia de pegar no dinheiro. Trabalhava muito, mas era bom demais! A pessoa é dona de si, faz o que tem vontade, dá o que pode dá. E eu sinto muita saudade das minhas amiga, das minhas amizade que eu tinha lá com todo mundo. Num deixei inimigo lá! Eu sinto saudade dessas coisa, assim. **(Entrevista, 05/12/2016)**

Se relacionarmos a fala de dona Júlia as de seus contemporâneos, teremos condições de formular talvez não a imagem de uma cidade, como sugere seu Vinícius, mas de um considerável aglomerado habitacional nas imediações da usina, pois, a ideia de quantidade das moradias é sempre referendada. Somem-se as casas comerciais e outros prédios elencados por nossos informantes na fase preliminar deste trabalho: além da igreja, o coreto, a barbearia, o barracão, a garagem, a sede, a casa do tesoureiro, a central telefônica e o cinema¹⁶, e teremos talvez um pequeno centro comunitário composto por moradias e comércio coligados com a “esplanada da usina”. É dona Júlia mesma quem diz o que nossos olhos confirmam: “Ali, hoje, já num tem mais nada, botaram abaixo”. Apesar de tudo, permanece em dona Júlia a saudade, principalmente da autonomia pessoal proporcionada pelo trabalho remunerado em um tempo de fartura e de amizades, sendo que este *tempo* está posto em oposição direta ao tempo presente.

¹⁶ Acreditamos que o cinema não funcionava em prédio próprio, mas, tratava-se de uma estrutura técnica mínima, itinerante, a qual era montada em algum dos prédios relacionados.

3.2 Da dimensão do trabalho

Nas propriedades rurais brasileiras subsistem práticas de produção da vida que remontam às primeiras fases de construção do país. Mantém-se também, por via do Cristianismo Católico, a dimensão do sagrado que é parte essencial de um sistema de representações que envolve os usos do tempo, como também um sentimento de dádiva para com as deidades católicas, principalmente em situação de êxito com a colheita. Em outro patamar, o trabalho de cultivo da terra é efetuado em duas direções nem sempre harmônicas: De um lado, famílias de agricultores se revezam na produção que visa suprir tanto a necessidade dos grandes produtores, seus patrões, quanto a subsistência familiar; de outro, os *senhores-de-terras* continuam a exercer suas formas de poder como o monopólio da propriedade e cooptação do trabalho em geral subvalorizado de seus agregados. Para além das bases produtivas de provisão doméstico e da produção de riquezas das elites econômicas, subsistem, ainda, determinadas formas de regulação de comportamentos dentro das propriedades, regras que regem o trabalho industrial em todas as suas etapas, mas que, rompendo as fronteiras formais das relações baseadas no trabalho assalariado, se estendem, como há quatro séculos atrás, ao âmbito informal das relações micro, personalísticas, portanto, embasadas na *reciprocidade desigual* (Godoy, 2007) entre *senhores* e *moradores* (Júnior, 1989). Na sua forma mais aguda, e não menos recorrente, esses regramentos irão reproduzir, no contexto estudado, a reparação de transgressões por via de punições físicas em determinado momento da história. Em suma, esta seção conduz o debate em especial no sentido do *trabalho*, estabelecendo algumas de suas relações com o sistema de regras cujo legislador é o *usineiro*, pois, “Nas fazendas imperava a lei do coronel, criada por ele, executada por ele. Seus trabalhadores e dependentes não eram cidadãos do Estado brasileiro, eram súditos dele” (Carvalho, 2004, apud Xavier, 2008).

Dona Eduarda:

Lá meus filho se casaro, trabalharo na usina com o pai: um é soldador e o outro eletricista; trabalha em tudo que botar ele. Porque aquela usina, meu filho, é uma escola. Meus filho mesmo aprendero as arte deles na usina; meu esposo também, ele aprendeu tudo na usina. **(Entrevista, 13/09/2016)**

Lembramos que dona Eduarda hoje se encontra residindo na zona urbana de Santa Rita. Através destas breves palavras demonstra, ainda que de forma implícita, um sentimento de gratidão à Usina São João por ter proporcionado aos filhos e esposo os aprendizados profissionais necessários à sobrevivência no mercado de trabalho industrial. A ideia de “escola” pode ser em função dos convênios identificados por Amarante (2009) entre a

empresa e o Sistema Nacional S visando, entre outras coisas, à capacitação qualitativa de seu pessoal.

Seu Vinícius:

Tinha feira do sabo pro domingo até meia-noite, feira *arrochada* de tudo no mundo. Já tinha umas vinte ou trinta barraca de gente que vinha de fora. Falava com o doutor Renato pra fazer uma barraca, ele dizia: “Faça a barraca que caiba tudo o que é seu! O que você não puder fazer, fale comigo!” Tinha barraca de jogo de azar ali pela esplanada, subindo pro lado da estação, pela linha. Por ali tinha *casa de turma*, casa de gente que trabalhava em linha férrea que não tinha família, pedreiro que não tinha família; tinha um galpão lá que abrigava eles tudo lá embaixo.

O doutor Renato era bem popular, bem carinhoso; agora, só que tinha o *carrancismo*, porque *ele* e os irmão foro criado no *carrancismo*. O *carrancismo* era o cativoiro, meu filho. O cativoiro terminou em 45. Em 45 foi que dero adeus a esse negócio de cativoiro. Mas, até 45 nem naquela usina nem em nenhuma outra o caba dizia: “Amanhã eu vou fazer isso!”... Não! Não! Amanhã o caba ia fazer o que o *bichão* lá mandasse. De manhã *ele* juntava dez e ia trabalhar; quando chegava aqueles dez aí ele dizia: “Agora vamo lá pra trás!” Aí, juntava aqueles cara, levava lá para trás; quando chegava lá: “Tira a roupa!” O caba tirava a roupa, vestia umas tanga e ia fazer o que *ele* quisesse, roçar mato, arrancar mato de mão, fazer nó e feixo e levar pra dentro das cocheira dos cavalo e lá quebrar, moer de mão; pega um lá e outro cá a moer pros cavalo e o gado comer muído. O caba era cativo! No dia que ele tivesse naquele cativoiro, faltasse o dia, quando ele chegasse, ele (o algoz) ia amarrar... tinha uma carreira de estaca, assim... chegava lá, batia um prego na orelha do cara e o cara ficava lá pra quando fosse a hora do ponto, quando o Barão chamasse: “Fulano!”... aí o cara vai ao Barão e rasga a orelha. O Barão era o dono daqueles engenho todo. O Barão tinha sete engenho dentro do Brasil... era sete engenho, aí era Barão; aí fazia isso. (Entrevista, 21/09/2016)

Nessa “imagem” mnêmica de seu Vinícius ressurgem a tão lembrada feira das noites de sábado no povoado, a que alguns chamam Feira da Raposa. A evocação do mais benquisto entre os patrões parece querer justificar sua grande popularidade como aquele que reconhece e garante os direitos dos seus agregados. De memória aguçada, seu Vinícius percorre um trajeto pela periferia da “esplanada” lembrando os estabelecimentos de jogos, os botequins e as *casas de turma*, que são os alojamentos coletivos já descritos por nós anteriormente. Em seguida, seu Vinícius faz uma incursão num *tempo* reversivo aos antigos engenhos e seus *senhores*, os barões, que, segundo seu entendimento, eram assim chamados por deterem um número superior a sete engenhos. Chama atenção, entretanto, a semântica atribuída à categoria “carrancismo”¹⁷, segundo a qual o poder de mando dos *senhores*, em função de sua posição de superioridade na hierarquia dos engenhos, legitimava-se pela completa anulação da vontade dos subalternos, provavelmente escravos, que, no entendimento de Garcia Jr.

¹⁷ Na verdade, embora remeta à época referida, o termo comporta outras camadas de sentido. Podemos dizê-lo com base no texto de Maisa Lima, assessora de imprensa da Associação dos Funcionários do Fisco do Estado de Goiás (AFFEGO). Ao referir-se ao livro de Gilda Alves de Brito (por nós até então desconhecido) “Tempo do Carrancismo”, Lima destaca algumas acepções complementares: tempo de vida árdua, porém farta; tempo do cabo da enxada; de obediência e respeito aos pais; de trabalho duro na infância; em que se honrava a palavra dada, etc.. De fato, verificou-se em nossas entrevistas referências a todos esses modos de *ser* dentro desse sistema de valores.

(1989, p. 46) ancorava-se na disponibilidade integral do próprio tempo e do próprio corpo dos dominados para a satisfação dos interesses do *senhor* que, por seu turno, “[...] chegava a infligir castigos corporais que [...] acabava em morte”. Durante as entrevistas desta pesquisa, praticamente todos(as) os(as) idosos(as) fizeram alusão a um tempo de muita repressão e violência, presenciaram cenas e contaram histórias dessa época que seu Vinícius chama de “tempo do carrancismo”.

Dona Benedita:

Rapaz, tinha ano que era bom de lavoura viu, mas também tinha ano que eu vendia... não vou dizer que eu não vendia! Meu marido dizia: “Minha véia, tá tão ruim agora, lenha tá ruim de botar, é melhor você vender”. Oxe! A gente arrancava e vendia feijão, vendia milho, macaxeira... uma caminhoneta toda semana vinha buscar, saía lacradinha. Trabalhava na beira do rio, apanhava feijão em casa na quarta-feira pra na beira do rio vender na sexta-feira; quando o homi que comprava não podia vim, eu ia levar, mas vendia logo no atacado, num sabe... Chegava lá já tava o comprador, era somente receber. **(Entrevista, 29/09/2016)**

Vemos subentendido que dona Benedita praticava agricultura de subsistência. Contudo, se as condições climáticas anuais fossem favoráveis, valia-se do excedente para exercer a prática do comércio, quando estabelecia contato com comerciantes profissionais. Ademais, ao reproduzir a fala do esposo que a pede para vender os alimentos produzidos, pois, “lenha tá ruim de botar”, dona Benedita nos permite constatar que a mata ao redor servia como fonte de recursos para o suprimento de necessidades básicas como o cozimento de alimentos. Acrescente-se que ela não é a única, dentre seus contemporâneos, a aludir à mata como fonte de recursos: além da lavoura e da lenha, água, frutas e peixes (pesca), são alguns dos recursos informados: “Por muitos anos os moradores retiraram madeira da mata da usina para fazer fogo à lenha [...] Nos últimos anos esse processo é impedido [...] através da vigilância constante” (Amarante, 2009, p. 112).

Seu Orlando:

Meu avô era lavrador, plantava cana pra vender na usina. Naquele tempo as mulher... Tinha minha mãe, minha tia Moça, minha tia Soledade... Era eles plantando a cana e elas semeando os pedaço de cana, assim, no rêgo... e os outros cobrindo. Era assim, trabalhava pra família mesmo, não era empregado de ninguém não.

Isso aqui era um céu! Quem morava aqui era feliz na vida, feliz mesmo! Eu sei porque eu passei por isso. Comecei a trabalhar dentro da usina com quinze ano de idade. Quando eu era mais novo, eu trabalhava, assim, dentro da cana com meu avô. Todo menino naquele tempo trabalhava, ninguém via um caba com treze/quatorze ano só vagabundando, brincando... não! Todo mundo trabalhava! **(Entrevista, 07/10/2016)**

Ao ser perguntado sobre a vida das mulheres, seu Orlando descreve um método de semeadura da cana no qual àquelas figuram como auxiliares, completando, em segundo plano, o trabalho dos homens no campo. Como podemos inferir, trata-se do empenho de todos os membros da família nessa empreitada, inclusive das crianças. Tal condição era comum aos

pequenos proprietários numa época na qual, ao que parece, parte do território encontrava-se ainda desmembrada. Não dispo de capital equitativo ao do usineiro, o “lavrador” empregava a força de trabalho de sua unidade doméstica para o fornecimento de cana para a usina. Indiretamente, ao dizer que “não era empregado de ninguém”, seu Orlando parece reivindicar uma distinção social muito comum entre agricultores da cidade paraibana de Areia em meados do século XX, ou seja, o atributo de *libertos*, em oposição à condição de dependência vivida pelos *moradores* (Garcia Jr., 1989). No caso da Usina São João, em poucas décadas, a História dos “de cima” convertê-los-ia em *moradores/trabalhadores*.

Dona Valentina:

Foi simbora um, foi simbora outro, e eu ficando... aplicando injeção em casa, aplicando injeção lá (no ambulatório da usina)... Quando me chamava pra um parto diziam assim: “Lá vai a parteira velha!” Chegava lá, pegava aquele menino (o bebê), vinha mimbora pra casa e por isso mesmo ficava. Trabalhei de parteira. Eu era parteira; não era parteira formada porque não tinha o curso, mas eu era parteira. Eu fui formada nas mulher, elas que me formaram.

Eu gosto muito de pescar. Eu passo o dia todinho assim, com o anzol na mão, sem botar nada na boca. Pesquei muito na levada, no Rio da Paraíba... onde tivesse água que tivesse peixe, eu tava lá. A minha diversão é pescar. Eu tô doente, mas se eu pudesse ia pra beira do rio me sentar e ficar pescando. Todo mundo pescava aqui, todo mundo tinha uma tarrafa. Homem pescava, mulher pescava. Mulher usava o malho e homem era na tarrafa. Malho é um pano de rede com dois pau numa banda. (Entrevista, 07/10/2016)

Tomada de um certo saudosismo, dona Valentina relembra três de suas principais atividades, como enfermeira, como parteira e como pescadora. Seu autodidatismo na enfermagem reflete também em altruísmo, “aplicando injeção em casa, aplicando injeção lá”. Reafirma sua antiga identidade de parteira a partir de como os outros a viam, revelando orgulho por ter dominado uma técnica obstétrica por tantos anos sem formação acadêmica, tal qual uma autêntica parteira. Sua predileção pela pescaria revela inclinações ascéticas, “Eu passo o dia todinho [...] com o anzol na mão, sem botar nada na boca”; tem finalidades lúdicas, “A minha diversão é pescar” e; transcende a ideia de idade avançada, pois, não fossem as limitações de saúde “ia pra beira do rio me sentar e ficar pescando”. De fato, nas entrevistas, a pescaria é citada mais de uma vez como uma das atividades mais desempenhadas pelas mulheres não apenas do povoado, mas da região como um todo.

Dona Lena:

Eu negociava na feira... na Feira da Jarambada; negocieei um bocado de tempo lá, aonde eu ganhei meu INPS, foi trabalhando. Trabalhava na enxada. Eu criava gado, eu criava porco, com licença da palavra, eu criava porca-parideira. Tive bicho meu mesmo, comprado com o dinheiro que Deus me deu, criava gado a preço e trabalhava muito no roçado. O meu quintal era todo coberto de inhame, de macaxeira, roça... o que eu pudesse plantar. (Entrevista, 01/11/2016)

Assim como dona Benedita, dona Lena praticava a atividade do comércio como meio alternativo de vida, aliás, um traço muito comum entre essa geração de mulheres: negociar pessoalmente com os produtos do seu trabalho na roça. Seus empreendimentos na feira e a criação de animais de corte para negócio representam para ela a fonte de sua autonomia na velhice, “aonde eu ganhei meu INPS, foi trabalhando”. Com base em Lima (2013), podemos identificar um elemento de solidariedade presente nas feiras comunitárias e festivas de Santo Antônio de Jesus, na Bahia das primeiras décadas do século XX; entendidas essas comunidades não apenas em seu sentido territorial, mas igualmente pela identificação mútua de correspondentes étnicos, sobretudo entre os negros das classes populares. Nos permitindo a licença de inter-relacionar esta realidade com a nossa, depreendemos que nas feiras do Povoado Engenho Central as relações de solidariedade se intensificavam graças a um sentimento de ajuda mútua, quando os moradores punham à disposição o produto de seu trabalho na roça, mas também dos pequenos açougues, brechós, etc.. Festas e feiras, como a Feira da Raposa, eram oportunidades de expressão de afetos pelo reconhecimento mútuo das dificuldades cotidianas.

Dona Alicia:

E quando era nas eleição... Quando era no tempo de voto, era que era gente! Eles mandava matar dois/três boi pro povo. Atrás daquela escola era... espia só os tacho de carne, e de farofa, e de arroz, e de tudo pra dar aos eleitor, visse! Porque nós tinha que fazer a vontade dele. O que ele queria que nós votasse, nós tinha que votar. Muita gente ele botou pra fora, e muita gente votava escondido; se alguém soubesse, era botado pra fora na hora. Nós era quase como uma pessoa cativa, né?! Nós tinha que votar naquele povo que ele queria: “Vocês têm que votar com fulano, porque vocês sabe que fulano é *isso* meu!” Nós num podia votar em outras pessoa.

Aqui tinha um cabocó que eles botava. Olhe, o que num fosse trabalhar no meio da semana... que faltasse, na segunda-feira ele já tava na corrente. Era quase como uma casa dessa. Era uma casa. Fazia pena quando nós passava lá. Dizia: “Olhe, hoje tem gente aí no cabocó”. Levava uma cadeira, né... aí, passava lá dois/três dia. Eu me lembro de um dos meus vizinho [...] Num sei o que foi que aconteceu naquele tempo que até apanhar ele apanhou lá, nesse cabocó. Meu tio saiu na carreira daqui pra não ser preso... pra não ir pro cabocó. Todo mundo tinha medo desse cabocó. (Entrevista, 02/11/2016)

Na esfera das regras personalistas herdadas da época dos coronéis de engenhos, as evidências contidas nessa fala de dona Alicia nos permitem perceber que vigorava para esta geração de eleitores o que Garcia Jr. (1989) registra como *voto de cabresto*. De acordo com as ideias desse autor, a autoatribuição de “pai dos desvalidos” por parte dos *senhores*, lhes conferia poderes suficientes para reger a vida dos que *deles* dependiam. Ao promover banquetes em troca da fidelidade eleitoral de seus agregados, deixavam implícitos ao mesmo tempo o compromisso e a ameaça de banimento das terras, conforme se pode depreender. Dentre as principais causas que possibilitam o *voto de cabresto*, Leal (1997) irá destacar: a

concentração e distribuição desigual de terras; o prestígio político e o poder de polícia dos coronéis; o analfabetismo e a pobreza dos eleitores/agregados, entre outras. Ainda que subsista uma consciência crítica, essa foi uma de suas raras manifestações ao longo do nosso processo de trabalho em campo. Entretanto, além de prover e proteger, “o pai generoso é também o pai que pune” (Garcia Jr., 1989, p. 49), por este motivo, a prática de castigos corporais, como os que eram infligidos no cabocó, almejava ter efeito de demonstração perante a sociedade local, além de imprimir no indivíduo dissidente uma particular marca social de submissão ao *senhor*. De acordo com Santana (1990) o cabocó¹⁸ fora um lugar como um quarto destinado a punições físicas e privações, tendo sido suprimido pela polícia estadual durante uma operação na década de 1920.

Seu Braz:

Trabalhava de dia, as veze fazendo cerão... cerão é a hora extra que nós fazia. Trabalhava com o chefe da fabricação [...] Na moage eu trabalhava na fabricação, e no apontamento¹⁹ eu ia pra oficina, trabalhar como ajudante de serralheiro. Trabalhei em máquina de turbina, seção de turbina; trabalhei também uns tempo no “dó”, que é onde dosa o caldo pra fazer o mé. Ainda trabalhei nas moenda, passador de óleo, ajeitador daqueles tambor e tudo mais.

Eu cambitei cana, cortei cana, plantei cana. Papai era lavrador, plantava cana para a usina nas terra da usina. Tinha um bocado de morador que plantava cana e se chamavam “lavrador de cana”. No tempo da moage, papai pegava seis burro pra botar cana da fazenda pra usina. Quando os *cortador* cortava, aí nós botava pros disvio²⁰, aí chegava os vagão pra encher os carro pra botar pra usina. Aquelas cana a locomotiva pegava pra trazer pra usina. (Entrevista, 05/12/2016)

Além de elencar ricamente uma série de funções industriais as quais desempenhou em anos de serviços prestados à usina, seu Braz nos faz compreender que, da mesma forma que o trabalho familiar realizado nos roçados, o trabalho na usina variava de acordo com o período do ano, ou seja, conforme a sazonalidade da colheita da cana, pois, a alternância dos ciclos naturais se refletia em alternância de funções a serem desempenhadas. Tendo conhecido de perto a dura realidade dos canaviais através do pai “lavrador”, descreve parte do laborioso processo de colheita da cana, desde o corte até o recolhimento dos volumes nos vagões transportadores.

¹⁸ Segundo a historiadora referenciada, nos anos 1920 havia um cárcere privado de nome “Cabocó” às margens de um rio de mesmo nome, onde os Ribeiro Coutinho infligiam maus-tratos a seus desafetos. Por outro lado, nossos interlocutores aludem a um quarto de castigos nas imediações da usina. Deste modo, sugerimos que se adote a referência espacial indicada pelo *narrador*, não apenas para que se possa melhor contextualizar sua fala, mas porque é esta a versão que importa considerar aqui.

¹⁹ Meses da entressafra.

²⁰ Esses “dsvios” (desvios) eram pontos estratégicos onde se amontoava a cana recém cortada para que os carros/carroças/trens que passavam a certa hora, pudessem recolher esses volumes e transportá-los até a usina.

Seu Felício:

A usina quando tá em apontamento o pessoal é menos; quando começa a moer é quando chega mais trabalhador, num sabe... pra trabalhar na moage... que é quando aumenta o emprego, e no apontamento diminui o emprego, isso é o apontamento!... pra ajeitar as ferrage pra começar para o ano, de novo, aí chega mais volume de gente. **(Entrevista, 05/12/2016)**

Assim como seu irmão Braz, seu Felício experimentou a necessidade precoce de trabalho para ajudar no sustento da família. Aqui, sua fala nos esclarece, ainda que de forma indireta, que a rotina anual de trabalho na Usina São João é o efeito da ação do tempo sobre a produção. A alternância entre safra e entressafra determina a relação entre afluência e evasão de um grande número de trabalhadores tanto no povoado quanto nas plantações. Como consequências dessa relação de dependência das forças inconstantes da natureza, a economia açucareira sofre reveses e a garantia de emprego se vê drasticamente reduzida para centenas de famílias, para quem *moagem* e *apontamento* significam, respectivamente, fartura e dificuldades. Amarante (2009) identifica como fragilidades adicionais próprias do sistema os baixos níveis de instrução de trabalhadores nativos e temporários, bem como a inadaptabilidade de alguns ao espinhoso processo de trabalho nas plantações.

Dona Júlia:

Eu sou aposentada como costureira, mas num tinha tempo de costurar mais. Depois que eu me casei e fui tomar conta de “hotel”, num dava tempo. Tinha tempo, como na moage, que aparecia até duzentas pessoa, cento e cinquenta... No tempo quando num era moage, era quarenta, cinquenta por dia, tá entendendo? **(Entrevista, 05/12/2016)**

Além de agricultoras, pescadoras, operárias, parteiras, donas de casa, muitas mulheres do povoado desenvolveram habilidades como costureiras. Porém, o comércio foi sempre uma atividade bastante comum entre as mulheres, fosse colocando à venda os produtos da roça, vendendo quitutes nas feiras ou negociando com animais e seus derivados. Apesar de não ser a única mulher no povoado a ter trabalhado com venda de comida em função da grande rotatividade de trabalhadores, por muitos anos dona Júlia foi a quitandeira oficial da Usina São João, predileta entre os patrões, oferecendo refeições previamente autorizadas por estes. Em outro momento ela diz: “Comia (em seu ‘hotel’) só gente de fora, caminhoneiro que viesse, só de fora; mas se a pessoa tivesse trabalhando pra usina, eu recebia”. Temos motivos para acreditar que mulheres negociantes nesse ramo travavam intensa interação com homens vindos de todas as partes, pois, ainda com base em Amarante (2009) constata-se que na agricultura industrial predomina a presença da força de trabalho masculina.

3.3 Da dimensão das festas

As festas são capazes de nos fazer perceber a divisão dos dias, das semanas e dos meses ao longo do ano; das estações e períodos empregados a determinadas atividades, isto é, nos ajudam a divisar as fronteiras que separam as diferentes dimensões da vida em sociedade. Para Simmel (1983, apud Leonel, 2011), a festa é um espaço de "sociabilidade lúdica", no interior do qual os atores se desdobram em estratégias e negociações próprias do "jogo social". Além disso, a festa permite a (re)criação do cotidiano, a (re)afirmação do sentido de pertença, a (re)atualização das relações sociais e o restabelecimento da continuidade das tradições no tempo. Assim como Ferreti (2012), outros estudiosos da festa como Miguez (2012) vão dizer que este tipo de reunião tem como uma de suas principais características o fato de serem, necessariamente, um campo de conflitos, disputas e tensões. Por outro lado, autores como Carvalho (2008), dirão que as sociedades de todos os tempos tiveram suas festas na conta de prática sagrada e até obrigatória. A propósito nos diz Durkheim (2000) que as forças às quais costumamos conferir um caráter sobre-humano ou mesmo sobrenatural, entendidas, portanto, como forças religiosas, se fazem sentir tão mais influentes quanto mais as sociedades se encontrem em períodos de efervescência festiva, nos quais as interações se tornam mais intensas quando partilhadas em reunião numerosa de indivíduos. Vemos assim que, para Durkheim, a dimensão social do sagrado, ou seja, o elemento religioso é o efeito de uma anterior necessidade de coesão social, que se constitui nas aglomerações dos indivíduos em busca de um sentido transcendental para suas existências. Dessa forma, a festa é uma forma de representação para onde confluem o sagrado e o profano. Isto posto, convidamos o leitor a considerar nesta seção, a última série de memórias dos idosos e idosas do povoado Engenho Central, tanto o elemento lúdico (incluindo suas imbricações com o *sagrado*) como a dimensão do *sagrado* tomada em si mesma.

Dona Eduarda:

Tinha as barraquinha, os banco de botar coisa na feira pra vender. A máquina quem trazia o povo... a máquina de carregar cana da usina. Eles enfeitava aqueles carro que nem um trem, e ia buscar o pessoá; um carro cabia muita gente. Aí, ia buscar o pessoá de Patrocínio, de Socorro, de Espírito Santo, São Felipe... Quando os povo queria ir simbora aí os vagão ia levar; era bonito!

O Padre da Igreja Matriz de Santa Rita é quem vai *dizer* a missa da usina, ele é quem ajeita a igreja. Quando é tempo de festa de São João faz bingo pra gente botar as coisa pra ajudar na festa. Vai um grupo de homi de Santa Rita só pra rezar o Terço. Os homi de lá da usina vai bem pouco; tem deles que nem na igreja vai. O novenário é nove noite; cada um novenário é uma turma de gente que faz... das igreja de Santa Rita, vai daqui de Tibiri, vai de Várzea Nova... cada noite é uma turma, entende? (Entrevista, 13/09/2016)

Para dona Eduarda, o grande volume de pessoas que desembarcavam dos vagões para as festas do povoado constitui um evento por si só extraordinário, pois, por assim dizer, transformava a paisagem social. A propósito, Costa e Macedo (2010) assinalam que atividades periféricas como brechós, bingos, feiras e apresentações folclóricas constituem um fator de atração para romeiros, devotos, brincantes e curiosos, ocasionando uma movimentação que destoa dos fluxos habituais de pessoas no cotidiano das comunidades. Da mesma forma, nesse misto popular de religião e festa próprio do mês junino, Chianca acrescenta que o modelo de quermesse comporta uma série de atividades triviais e rituais por congregar elementos do cotidiano, da economia e da vida religiosa, comércio de barracas, novenas, missas, procissões, diversão, entre outras. Quanto às novenas, missas e *dias-santos*, Gomes (2008) atesta que tais celebrações podem ser consideradas pertencentes a um ciclo festivo. No caso, reuniões regulares para celebrar liturgicamente divindades e santos são, ao lado de uma grande variedade de outras formas de reunião, eventos festivos.

Seu Vinícius:

Eu gostei muito de baile, mas de festa não! Lá tinha o chefão do baile, o dono da casa. As casa que tinha, de vez em quando o caba fazia um baile da casa cair! Nós chegava, o caba tava no meio da casa com um bocado de gente dançando. A gente ficava por ali, aí, quando entrava dançava quatro/cinco parte, aí ele vinha e cobrava dois mil réis, que era a parte, a cota... dois mil réis. Tinha todo instrumento de música, mas levava saxofone e tinha uma sanfona. Não havia dança solta não. Quando era um casamento, aí dançava homi com mulher, com moça, menina com menino... mas quando era baile mesmo, dançava era pegado com a mulher que fosse. De quinze em quinze dia eu fazia um baile na minha casa, e *ele* me dava uma pessoa pra tomar conta do terreno por causa das más intenção.

O doutor Odilon gostava muito de fazer festa de São João. Duas e meia/três hora já amanhecia abrindo a igreja todinha iluminada... ele mandava iluminar mesmo! Tinha muita image, e tinha a cova do pai dele, da mãe dele, toda cercada de corrente de ouro, tudo em roda. Quando tinha festa de qualquer coisa de um da família deles, já amanhecia o dia com festa, a sede enfeitada... Tinha umas menina que quando tinha festa ele mandava avisar, elas já vinha com cada rodona de flor!... E fazendo aquelas grinalda com palmeira, chegava e botava logo nas porta. **(Entrevista, 21/09/2016)**

Para seu Vinícius e os demais participantes dessa pesquisa, festa e baile são coisas distintas. Unindo suas duas falas, percebemos que os bailes são festas do privado, das casas, são do reino do profano e do secreto; já as *festas* estão mais no campo do público, são os eventos da igreja a céu aberto, com iluminação pública, ornamentação característica e, principalmente, o grande número de participantes vindos de toda parte. A presença do túmulo do patriarca da Família Ribeiro Coutinho à beira do altar da capela junto a imagens e envolto em correntes douradas parece pressupor uma intenção de culto. Em contraste, os *bailes* e seu jogo próprio de interações, seus excessos, parecem indicar o que Ferreti²¹ (2012, p. 24) vê

²¹ Inspirado em Roger Caillois (1988).

como “liberação periódica dos instintos comprimidos pelas regras sociais e como transgressão ritual de regras que o sagrado impõe à vida cotidiana”.

Dona Benedita:

Festa do fim da moagem, de tudo tinha. Nesse tempo eu era solteira. As três noite eu não vinha, mas duas noite eu vinha. Tinha uns brinquedinho por aí até a meia-noite: tinha a roda gigante, tinha as canoa, tinha a sombrinha... aquele que nem uma balança; tinha procissão... Frei Damião vinha praí também, passava muitas noite. Eu cansei de vim de Saboeiro praí pros sermões de Frei Damião. A procissão saía aí da igreja, ia pra o fim da Ilha, depois vinha pra Vila, aí entrava pra igreja de novo. As festa era ali mesmo no pátio da Usina. Tinha as barraca, né... hoje em dia acabaro com tudo! Era bom demais nesse tempo aí.

Frequentei muitas veze a igreja, graças a Deus! Hoje em dia é difícil eu ir, eu vivo doente, eu não ando quase nada. A igreja era muito bem tratada, aquele retrato que tá ali do doutor e a esposa dele, fazia gosto a pessoa olhar porque era limpo, hoje em dia tá maltratado. É que desprezaro a igreja, desprezaro o caminho de Jesus, né? Porque ali é a casa e o caminho de Jesus! Ali tinha novena pelo São João, mês de maio. Às vez a gente pegava carro, às vez vinha até a pé mesmo, vinha um bocado de gente de Saboeiro, não fazia medo não. Oxente! Fui muitas veze na máquina, cansei de ir. Às vez a gente ia nos caminhão da usina mesmo, pra casa. **(Entrevista, 29/09/2016)**

Com seu estado de saúde fragilizado, dona Benedita não apenas lamenta não poder mais participar da vida religiosa como antes, mas aproveita para “denunciar” o que ela identifica como um desprezo ao “caminho de Jesus” (à igreja) pelos que podem restaurar o que se perdeu, ou seja, a fé católica. De fato, não bastasse o grande número de êxodos por professantes da religião católica no povoado, o que dona Benedita nos traz concorda com nossas observações e consultas a católicos remanescentes durante nossas idas ao campo: há uma tendência de desvinculação do catolicismo em favor de uma crescente adesão às vertentes de religião protestante. Desse modo, a crise institucional do catolicismo local, somada ainda ao já mencionado abandono da capela de São João Batista, reflete em instabilidade nas bases identitárias enraizadas nessa forma de religião, cuja influência participou da construção histórica do povoado desde seus primórdios, inclusive na composição de seu calendário festivo tanto religioso quanto laico.

Dona Valentina:

Tinha o barracão, tinha a feirinha... uma feirinha que botavam, assim, no sábado. Eu tô lembrada ainda... Coisa que eu disse que não sei, vai e de repente volta. Tinha a barbearia e a usina. (falando sobre o cinema) O filme de Espírito Santo trazia pra cá pra passar na usina, entendeu? Era, o filme que passava lá, o mesmo filme, o outro menino trazia de bicicleta e passava na usina. Eu me lembro da casa onde tinha o coreto, e lembrava das noites que vinham tocar pra dançar, não era?... Pra turma dançar. Vinha gente do interior praí; vinha de trem... O trem trazia aquele pessoal pra dançar. E eu sempre em casa, eu só vivia mais em casa. **(Entrevista, 07/10/2016)**

Mesmo não sendo dada a festas, dona Valentina reforça a imagem compartilhada por seus contemporâneos da grande quantidade de visitantes vindos de várias partes para as

comemorações. Excetuando os elementos não essencialmente festivos como a feirinha, a barbearia e a usina, destaque-se que a inclusão do cinema no cotidiano desta comunidade, numa época em que poucos sequer tinham aparelhos de rádio em suas casas²², representou não apenas a penetração de uma nova forma de entretenimento, mas a imersão dessa população na cultura de massa e, portanto, urbana, mesmo que por um breve momento. Também o caráter espetacular das bandas de música vindas de fora no coreto pode ser considerado um fator de diferenciação entre as festas comunitárias e alguns eventos da cultura de massa, distinção que se dá pela forma e pelo nível de envolvimento e participação dos atores (Lea Perez, 2002, apud Ferreti, 2012).

Dona Lena:

Meu pai era o dono do Cavalo Marinho e minha mãe era dona das diversões: dos Terço, das ciranda, dos Coco [...] Essas coisa de Coco de Roda, ciranda, lapinha... isso aí não pertencia nada a igreja! A igreja era quando tinha festa... véspera de Festa, festa de Ano Novo... aí que tinha festa daquelas igreja, né... E nesse meu tempo também não havia essa igreja de crente como há hoje não, era só a católica e pronto. A igreja de crente hoje tem noventa e nove qualidade de igreja pra um Deus só. Porque é um Deus só pra todas essas coisa!

Uma comparação: As festa que aparece por aqui, na *rua*... Quando tem aquelas coisa na *rua*, os cantor num aparece negócio de dez hora da noite pra lá, por aí assim, né... Mas, nos interior as brincadeira começava cedo da noite, lá pra de uma hora da manhã, duas hora, ou quando o sol vinha raiando era que as brincadeira ia terminando. Começava uma base de umas sete pras oito hora. Era assim. (Entrevista, 01/11/2016)

A maneira como dona Lena relaciona e compara tão estreitamente as celebrações de caráter religioso (Terços) e os folguedos folclóricos (Cocos, cirandas, Cavalos Marinhos...) nos permite, uma vez mais, constatar uma provável inter-relação entre os universos religioso e popular. Ao dizer que as manifestações folclóricas não pertencem às coisas da igreja, dona Lena nos mostra que essas instâncias nem sempre são auto-permeáveis, mas são partes de um todo e complexo cultural. A ideia de "mosaico festivo" sugerida por Miguez (2012), além de ser reveladora de nossa diversidade de celebrações lúdicas, remete ao complexo e nem sempre harmônico imbricamento entre sagrado e profano presente na identidade cultural do Brasil. Passado e presente parecem estar também em campos opostos, pois, antigamente: era uma só igreja unificada em nome de *um* Deus, a Católica, enquanto hoje se proliferam e se confundem as denominações; “as brincadeira começava cedo da noite”, enquanto na *rua* (na cidade), hoje em dia, as atrações “aparece negócio de dez hora da noite pra lá”, marcando uma diferença entre os *tempos* e os *espaços*, onde o passado “nos interior” é revalorizado em detrimento do presente na cidade-grande.

²² Esta informação nos foi repassada pelo informante L.A., filho de dona Valentina e antigo administrador do cinema da usina.

Dona Alicia:

Eu dancei. Eu fui tão dançarina! Eu dancei tanto, de criar calos nesses pés! Num tinha baile aqui nessa usina pra eu num dançar! Eu dancei muita marcha, samba, até polca eu dançava. Era agarrado. Cada um tinha seu “cavaleiro”. Num tinha essas dança solta não. Agora, tinha uma coisa: a que “cortasse” o “cavaleiro” saía pra dentro e num dançava mais. Você ia dançar com um, aí, quando ele vinhesse você tivesse com outro, diz que “cortou”: “Apô mode briga, mode questão: Olhe menina, olhe fulana, você hoje num dança mais porque seu fulano veio reclamar”, o dono da casa, né... O dono da casa tinha que ser responsável por tudo! Ele dizia: “Olhe, vou avisar: quem tiver seu “cavaleiro” aqui num corta, a que cortar, vai fazer café!” Aí, dali já sabia do respeito, né... a noite toda você só dançava com aquele e no respeito, se “cortasse” aí ia ser faca e facão, viu! Naquele tempo era tempo de briga, visse! E elas ficava pra apanhar? O cara mesmo metia a mão lá e ficava por isso mesmo; num havia cadeia, né... Ninguém queria ser “cortado”, era uma vergonha muito grande, nenhuma moça podia fazer isso. **(Entrevista, 02/11/2016)**

Aqui estamos no campo do profano, do permissivo e do privado, segundo a recorrente distinção feita por essas senhoras e senhores entre festa e baile. A fala de dona Alicia comporta elementos que evidenciam uma segunda distinção, o que correntemente chamamos *distinção de gênero*. A hierarquia que se verifica *nesse baile* reserva um lugar de comando ao dono da casa (e do baile), abaixo do qual exercem poder sobre as mulheres os “cavaleiros”, pretendentes à disponibilidade exclusiva do corpo das mulheres para a dança a dois. Para essas últimas, nos parece que a simples aceitação de uma dança inicial implica no compromisso que prevê a supressão de sua liberdade de escolha durante o tempo que durar o baile: “A noite toda você só dançava com aquele e no respeito”. “Cortar” o “cavaleiro” representava não apenas a exclusão da mulher do baile, mas, principalmente, uma afronta à honra do homem que, tendo sido preterido, teria que enfrentar o ridículo. Na condição de propriedade casual ao mesmo tempo do “cavaleiro” e do dono do baile, restaria à mulher dispor de seu corpo como um meio que garantisse sua permanência na festa. Num sentido mais amplo, Gomes (2008) registra que a maneira de dispor do corpo como instrumento de comunicação se torna um mecanismo de interação de fundamental importância nas ocasiões de festas, já que ambos, festas e modos de se relacionar, são criações sociais, ou seja, processos construídos em tempo e espaço específicos.

Seu Braz:

O pessoal também fazia baile nas casa. Falava com o gerente da usina, dizia que queria fazer uma brincadeira, um batizado, uma *coisa*... aí amanhecia o dia. O instrumento era a concertina. Naquele tempo num tinha sanfona não, era a concertina; ou senão um violão, um pandeiro... Eu gostava de dançar um bailezinho, amanhecia o dia dançando mais as “nêga”. Chegava uma, o caba chamava... As veze dava muita confusão, porque quando chamava ela dizia: “Num vou não!”, com pouco mais lá vinha ela com outro, aí, o “cavaleiro” já achava ruim, já queria briga. As veze dava mais pior, né... as veze até um furava outro. O dono da casa dizia: “Tira ela!”, “Cortou aqui, você num vai dançar mais!” Muitas ele tirava, e outras ainda ficava por ali.

A festa de São Sebastião era uma grande festa. Na véspera de São Sebastião tinha a procissão de Frei Damião. Frei Damião celebrava a procissão às quatro hora, aí,

depois tinha a missa. Passava a noite toda assim. Os morador botava os botequim, aqueles barraco, vinha gente da Usina Santa Helena, as máquina ia buscar aqueles pessoá... as locomotiva que carregava cana. Aí, forrava aqueles vagão e ia buscar gente de Santa Helena pra São João. Tinha uns baile na *casa-grande*, tinha outros baile na garage, na *casa-grande* era pros *maioral*, e na garage era dos *pequeno*. Os *grande* brincava pra lá e os *pequeno* pra cá. (Entrevista, 05/12/2016)

Desta vez é seu Braz que nos leva ao interior dos bailes do Povoado Engenho Central e seus conflitos de gêneros. Ressalte-se, ainda, que além da coerção simbólica exercida sobre as mulheres, casos de violência física são informados sobre o “lugar” deste gênero nesses bailes. Na esfera pública, ressurgem aqui as festas religiosas que tinham lugar na “esplanada da usina” e toda sua movimentação em torno dos símbolos sagrados e das diversões. Essa configuração de festa popular brasileira que mistura atividades religiosas, lúdicas, econômicas e seculares receberá conceituações como as de Serra (1999, apud Lima, 2013), para quem as *festas de largo*, além de terem um templo como referência central, são possíveis graças à relação que se verifica entre os espaços religioso e popular. No primeiro têm lugar as celebrações do sagrado, enquanto o segundo contempla o movimento dos festejos populares como folguedos, danças, espetáculos pirotécnicos, venda de bebidas e comidas típicas. Vemos também que, a certa altura, a festa de São Sebastião, considerada sua magnitude e importância para a comunidade como *a festa do fim da moagem*, transformava-se em um grande baile; melhor dizendo, em dois grandes bailes, o dos “maioral” e o dos “pequeno”. Esse elemento de estratificação social costuma ser relativizado pelos sujeitos da pesquisa, a depender do grau de proximidade ou de *distância* que cada um mantinha com seus antigos padrões. Os mais próximos, como o casal Felício e Júlia e seu Orlando, tendem a ocultar esse traço da festa, enquanto os mais distantes, como seu Braz e dona Benedita, ressaltam essa diferenciação sem aparentes hesitações de consciência.

Seu Felício:

Tinha que pedir permissão. A gente era liberado. Agora, qualquer um que quisesse tinha de pedir permissão; sem permissão num faz festa! Se acontecesse algum aborrecimento, a usina num tinha nada a ver, entendeu? “O responsável é o senhor que botou por sua conta!” Porque as veze acontecia aborrecimento, né... mas era difícil, era besteira, a gente entrava de dentro: “Quieta, quieta!”... dava tudo certo.

Na moage nós saía da missa direto pra dentro da usina porque o padre ia benzer todos os setor. Quando o padre terminava de benzer aí as máquina começava, tudinho, a moer cana. Aí, todo mundo ia simhora, só ficava os trabalhador. Todo ano, na moage tinha isso: uma cruz só de cana, na esteira; que quando bota a cana pra usina moer cada um joga a sua cruz dentro da esteira, num sabe... a usina vai moendo a cana e a cruz vai acompanhando, pra abençoar. (Entrevista, 05/12/2016)

Por intermédio das festas, seu Felício nos situa previamente no universo de regras personalistas a que estavam submetidos todos os indivíduos do local, fossem festeiros ou não. A relação com o poder local é direta: qualquer evento fora da ordem rotineira, como uma

festa, devia ser comunicado e solicitada prévia autorização, sob pena de total responsabilização do dono da festa. Deixa implícito, todavia, que a depender do grau relativo de proximidade com o patrão, alguns festeiros como ele usufruíam de carta-branca para festejar em suas casas. Na esfera do sagrado, podemos dizer que a repetição anual do ritual das cruces de palha de cana, realizado na presença das autoridades eclesiásticas, dos usineiros, dos operários e suas famílias, revela uma cerimônia oficial que declara aberta a época de moagem; oficial por ser promovida pelos poderes locais, o econômico e o religioso.

Dona Júlia:

Quando a usina ia moer os dono fazia uma recepção pra o povo. Tinha primeiro a missa... sete hora tinha a missa, e a usina ia moer oito/nove hora. Terminava a missa, o padre ia benzer tudo por lá, as ferrage, aquela moenda, a destilaria, tudo. Quem quisesse acompanhava; todo mundo acompanhava. Quando chegava a hora de moer só ficava os trabalhadores. Começava a moer em agosto e ia até janeiro. Fazia umas cruz de palha de cana: Pega a palha, bota assim e dobra, e faz a cruz de palha. Eu ainda alcancei: faz uma cruz e deixa na esteira onde a cana vai entrar. Quando bota a cana pra usina moer, joga a cruz de palha dentro da esteira... a usina vai moendo a cana e a cruz vai acompanhando. Depois que a gente saiu de lá, de vinte ano pra cá, *disse* que faz a missa essa semana, e vai moer dois, três, quatro, cinco dia pra frente.

Tinha os noitário, é no mês de maio. Os noitário num é onde nós reza os Terço nas noite de maio?! Cada função tinha sua noite, todo mundo tinha a sua noite. Hoje era a Noite dos Solteiro, amanhã era a Noite dos Casado, uma era a Noite do Povo, a outra era a Noite dos Funcionário, depois era a noite do povo de outra função. Tinha o vinte, o vinte e um... o do dono da usina, doutor Renato, era no dia vinte e três, que era o aniversário dele, vinte e três de maio. Cada um que quisesse fazer melhor. Maio num tem trinta e uma noite? Pois pronto, era trinta e uma noite! A última noite é a da Coroação. **(Entrevista, 05/12/2016)**

Desta vez é dona Júlia quem nos traz a memória do ritual das cruces de palha de cana. Em outras partes das demais *histórias* narradas a palha da cana-de-açúcar aparece sendo empregada na ornamentação de festas, ao redor das fogueiras juninas, bem como dentro e fora das “latadas”, que são as palhoças típicas dessas festas. Por sua vez, antecipando os festejos juninos no mês de maio, os noitários eram como espaços permitidos de sociabilidade. As homenagens aos diferentes grupos sociais locais eram concessões dos usineiros para que cada seguimento pudesse expressar sua identidade, aquilo que os diferenciava dos demais. Os meios materiais para a realização de cada uma das trinta e uma noites cabiam aos próprios grupos que se auto-homenagiavam perante os demais, às vezes exibindo girândolas, numa pacífica e velada relação de competitividade. Assim, os noitários eram, também, uma arena de tensões onde sobressaía a rivalidade entre os grupos mais ou menos influentes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo o exposto neste último capítulo constitui, ainda, um recorte da realidade por nós estudada. Os dados de que dispomos tanto nos ajudariam a alargar os horizontes como nos fariam delongar em torno dos temas analisados, não sendo este, portanto, o melhor momento para tal esforço. Entretanto, acreditamos ter trazido à baila os caracteres básicos de um modo de vida e suas peculiaridades, indo ao encontro do que nos propomos: delinear os contornos socioculturais peculiares a uma geração de idosos, específicos de um tempo e de um espaço rural através da visão particular de mundo representada através das memórias contextualizadas desses atores. À guisa de conclusão, podemos, ainda, fechar o ciclo de algumas de nossas considerações:

A atmosfera cosmopolita reinante no Povoado Engenho Central durante as festas e o agitado período de moagem, somada ao aglomerado de habitações e estabelecimentos comerciais outrora existentes nas imediações da usina e, portanto, da “esplanada”, acabam por reforçar a representação segundo a qual a usina mantinha características de uma cidade. Sobretudo a “esplanada”, por ser o *locus* preferencial de todos esses eventos, ganha o estatuto de centro dessa cidade imaginária, permanecendo assim até os dias de hoje, mesmo depois de ter perdido parte considerável da configuração física pela qual é retratada nas memórias.

As associações de memória entre celebrações religiosas e festas populares do catolicismo verificadas empiricamente são de valor idêntico ao encontrado na *teoria da festa*, ou seja, o modelo celebrativo religioso comporta sempre elementos periféricos como os do profano, do cotidiano, da economia, etc.. Dessa forma, a partida de um grande número de católicos praticantes e dos antigos festeiros do povoado contribui para um esvaziamento tanto das práticas celebrativas do catolicismo quanto das festas tradicionalmente ligadas a elas.

De fato, não bastasse o grande número de êxodos por professantes da religião católica no povoado, o que algumas dessas memórias nos traz concorda com nossas observações e consultas a católicos remanescentes durante nossas idas ao campo: há uma tendência de desvinculação do catolicismo em favor de uma crescente adesão às vertentes de religião protestante. Desse modo, a crise institucional do catolicismo local, somada ainda ao mencionado abandono da capela de São João Batista, reflete em instabilidade nas bases identitárias enraizadas nessa forma de religião, cuja influência participou da construção histórica do povoado desde seus primórdios, inclusive na composição de seu calendário festivo tanto religioso quanto laico.

A presença das autoridades empresariais nas diversas celebrações religiosas representa a vigilância que cuida de manter a ordem nas ocasiões de festa, ou seja, em circunstâncias que podem ensejar excessos. Ao promover e/ou permitir festas sob sua presença, o usineiro reafirma sua autoridade perante a comunidade ao mesmo tempo em que oferece banquetes e presta suas homenagens. Segundo o depoimento do senhor M.B. na fase preliminar da pesquisa, quando não era possível estar presente, tratava-se de incumbir empregados de confiança para servirem de olheiros durante a duração das festas. Caso qualquer convidado ousasse sair das rédeas, fosse por influência de embriaguez ou por qualquer outro motivo transgredisse a ordem a qual emana dos usineiros, este seria imediatamente contido e mandado embora.

Quanto à diferenciação entre festa e baile, a necessidade de um modelo lúdico que se realiza na intimidade do lar entre “iguais”, portanto, fora das vistas dos chefes locais, parece estar próxima a ideia de Durkheim (2000) segundo a qual o tempo profano é o tempo regrado, dos dias maçantes dedicados à garantia de sobrevivência, de cumprimento aos compromissos e respeito aos ditames sociais. Como as festas na esfera pública não permitem “deslizes” e estão ligadas à manutenção da ordem social pela reafirmação de tais regras, o caráter catártico dos bailes do povoado sugere uma dupla ruptura com a ordem, a saber, com a ordem virtual imprimida pelos usineiros, e com a ordem natural imposta pela condição humana. Deste modo, esses bailes parecem desempenhar uma função de compensação à rotina árdua e à liberdade vigiada das festas públicas, ou simplesmente *festas*, no dizer dos interlocutores.

Ainda na esfera das regras, as lembranças referentes às coerções (permissões para a realização de bailes, assunção prévia de responsabilidades pelos donos de bailes, o apelo ao uso de guardas com poder de polícia em várias situações, o *voto de cabresto*, etc.) e às punições (expulsão de moradores tidos por desobedientes, privações e flagelos no *cabocó*, etc.) evidenciam, no passado desta localidade, uma continuidade dos padrões opressivos historicamente relacionados aos antigos engenhos e seus *senhores*, mesmo depois das transformações ocorridas no mundo do trabalho como a conversão do trabalho escravo em trabalho remunerado, a “extinção” do modelo produtivo *engenho* e definitiva consolidação das usinas de açúcar.

Não apenas seus patrões reproduziam esses padrões opressivos de comportamento, este grupo de homens e mulheres hoje idosos também recebeu da *memória dos engenhos* os valores morais correspondentes ao que seu Vinícius lembrou como “tempo do carrancismo”: tempo de vida árdua; tempo do cabo da enxada; de obediência e respeito aos pais; de trabalho duro na infância; em que se honrava a palavra dada, etc. Por analogia, convêm recorrermos

uma última vez às memórias de seu Vinícius, dona Lena e seu Braz, respectivamente: “Eles passaro um tempo muito duro. Todas as criança na Usina São João trabalhava, e não era serviçinho mole não, era cortando o barro pra cobrir e botar pedaço de cana pra crescer pra moer na usina”; “Meus filho são muito amoroso a mim, até hoje eles me obedece. Esse derradeiro filho do segundo marido apanhou o cipó e me deu pra eu bater. Isso é obediência de filho!”; “Antigamente o pai da gente.... Eu mesmo cansei de buscar um cipó pra apanhar. Aí hoje mande um filho fazer isso que ele vai trazer logo é um revolver pra dar um tiro no pai”.

Essa geração de homens não apenas segue valorizando tais padrões de autoridade do passado, mas sua saudade do *tempo difícil*, do excesso de trabalho, do trabalho na infância, da severidade dos pais e, por extensão, da austeridade dos patrões, é confessada com orgulho e sem qualquer hesitação de consciência aparente. A Usina São João é o lugar onde este passado parece ter ficado enterrado, pois, principalmente para os que hoje residem na cidade, saudades da usina são saudades do passado na usina ou da usina do passado, o que nos leva a pensar que esta desfigurou-se para eles. A usina é um lugar que ficou na lembrança, não existe mais como era, tudo ruiu por força das conveniências econômicas da jovem geração de patrões. Este lugar ideal foi sendo desconstruído na realidade física, como nas imagens dramáticas da derrubada de inúmeras casas e extinção de comunidades inteiras, mantendo-se vivo, colorido e diverso nas lembranças. Rememorar a Usina São João é reconstruir esse espaço no tempo, e tudo que nele se perdeu. A pesquisa permitiu aos idosos a possibilidade dessa reconstrução.

Além do paradoxo implícito na conjunção dos termos *tempo difícil/tempo bom*, sobressai um outro, de natureza pragmática, mas intimamente ligado a essas memórias: a ideologia do *progresso* como um fator de prosperidade a longo prazo, trazendo no seu bojo a ideia de bem-comum para todos pela evolução das tecnologias de produção, tal qual se pôde verificar na trajetória da Usina São João ao longo do século XX, parece não ter alcançado seu intento teleológico, pois, as histórias de velhos contadas aqui indicam um caminho reverso, ou seja, de retrocesso para a empresa e, conseqüentemente, para os que dela ainda dependem, na contramão da História.

5. REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez; Recife: Massangana, 2009. In: FREIRE, D. J. F. **Contando o passado, tecendo a saudade: a construção simbólica do engenho açucareiro em José Lins do Rego (1919-1943)**. 316 p. Dissertação (História), UFRN, Natal, 2014.
- AMARANTE, E. L.. **Evolução tecnológica da produção sucroalcooleira: a Usina São João como um testemunho desse processo**. João Pessoa: UFPB, 2009.
- ASSOCIAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS DO FISCO DO ESTADO DE GOIÁS. LIMA, M. **Tempo do Carrancismo é leitura para um fôlego só**. Disponível em: <<http://www.affego.com.br/blog>>. Acesso em: 11 abr. 2017.
- BARBOSA, L. N. H. **Porque hoje é sábado: um estudo das representações dos dias da semana**. Boletim do Museu Nacional, Rio de Janeiro, nº 49, 1984.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CARVALHO, G. **Vitória de Dioniso: festa, tradição e mercado**. In: RUBIM, L; MIRANDA, N. (Orgs.). **Estudos da festa**. Salvador: Edufba, 2012. p. 33-47.
- CHIANCA, L. **São João na cidade: ensaios e improvisos sobre a festa junina**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.
- COSTA, A. M. D; MACEDO, C. O. **“Festa de antigamente é que era festa”:** memória, espaço e cultura numa comunidade camponesa do nordeste paraense. *Revista Estudos Amazônicos*, v. n. 2, pp. 105-124, 2010.
- CUENCA, M. A. G.; MANDARINO, D. C. **Evolução da atividade canavieira nos principais municípios produtores do estado da Paraíba; 1990, 1995, 2000 e 2005**. Documentos Embrapa – Tabuleiros Costeiros. Aracaju: 2007.
- DEBERT, G. G. **Envelhecimento e Curso da Vida**. *Revista Estudos Feministas*, v. 15, n.1, p. 120-128, 1997.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2000. 535 p.
- ECKERT, C. **A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre**. *Iluminuras (Porto Alegre)*. Porto Alegre, v. 18, p. 1-33, 2000.
- FERRETTI, S. F. **Estudos sobre festas religiosas populares**. In: RUBIM, L; MIRANDA, N. (Orgs.). **Estudos da festa**. Salvador: Edufba, 2012. p. 17-30.
- FRANCH, M.; SOUZA, M. F. **Temporalidades: proposta para uma agenda de pesquisa em Ciências Sociais**. *Política & Trabalho (UFPB. Impresso)*, v. 34, p. 11-18, 2011.

GARCIA Jr., A. **O sul: caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social**. São Paulo: Marco Zero, 1989. (Pensamento Antropológico)

_____; GRYNSZPAN, M. **Veredas da questão agrária e enigmas do grande sertão**. In: S. Miceli (org.). *O que ler em ciências sociais*. São Paulo: ANPOCS, 1999.

GODOY, J. H. A. **A reciprocidade desigual: política e família na história do Brasil**. *Política & Trabalho* (UFPB. Impresso), v. 27/30, p. 8, 2009.

GOMES, C. C. S. **Festas, memórias e representações**. *Cadernos do GIPE-CIT (UFBA)*, v. n. 20, p. 44-52, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades. Santa Rita – PB**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=251370>> Acesso em: 18 mai. 2016.

LEAL, V. N. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LEONEL, G. G. **Festa e sociabilidade: reflexões teóricas e práticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos**. *Cadernos de História (Belo Horizonte)*, v. 11, p. 35-57, 2011.

LIMA, L. J. O. **Festas e festejos para além da mistura: encontros, desencontros, sociabilidade, solidariedade e resistência**. XXVII Simpósio Nacional de História. Natal: ANPUH, 2013.

LINS DE BARROS, M. M. **Trajetória dos estudos de velhice no Brasil**. *Sociologia (Lisboa)*, v. 52, p. 109-132, 2006.

MANNHEIM, K. **O problema sociológico das gerações**, In: Marialice M. Foracchi (org.). *Mannheim, Col. Grandes Cientistas Sociais 25*, São Paulo: Ática, pp. 67-95, 1982.

MATIAS, J. M. **Nova expansão canavieira, mudanças espaciais e produtivas: O caso do município de Santa Rita – PB**. Outubro/2010. 117 p. Dissertação (Geografia) – CCEN, UFPB, João Pessoa, 2010.

MELO E SILVA, T. M. **51 anos sem João Pedro Teixeira: do cabra marcado para morrer à luta camponesa para lembrar**. XXVII Simpósio Nacional de História. Natal: ANPUH, 2013.

MIGUEZ, P. **A festa: inflexões e desafios contemporâneos**. In RUBIM, L; MIRANDA, N. (Orgs.). *Estudos da festa*. Salvador: Edufba, 2012. p. 205-216.

NUNES, R. B. **Territórios Urbanos, Redes Sociais e Memória Coletiva: a cidade narrada e (re)inventada sob uma perspectiva geracional**. *Illuminuras (Porto Alegre)*, v. 12, p. 01-22, 2010.

PICOLI, B. A. **Memória, História e Oralidade**. In: Mnemosine Revista, v. 1, p. 168-184, 2010.

PORTAL ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL. **Engenho Central**. Disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/paraiba/engenho.htm>> Acesso em: 16 maio de 2016.

PORTAL FGV/CPDOC. **O que é história oral**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>> Acesso em: 28 fev. 2017.

SANTANA, M. F. C. M. **Nordeste, açúcar e poder: um estudo da oligarquia açucareira na Paraíba - 1920-1962**. João Pessoa: CNPq/UFPB – Grafset, 1990.

SILVA, A. C. **A industrialização da cana-de-açúcar em Santa Rita: o processo de transformação do engenho São João**. UFPB. João Pessoa, 2006.

SILVA, S. F. **Santa Rita: A herança cristã do real ao Cumbe**. João Pessoa: Idéia, 2007.

TARGINO, I. O setor industrial paraibano. s.n.t. 25p.

VENSON, A. M.; PEDRO, J. M. **Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia**. História Oral (Rio de Janeiro), v. 15, p. 125-139, 2012.

XAVIER, G. L. Capital, trabalho e poder: a violência velada dos canaviais. III Simpósio Lutas Sociais na América Latina. Londrina: GEPAL - Grupo de Estudos de Política da América Latina, 2008. p. 1-12.